

**PAULA TACIANA TRETTO**

**GUERREIRAS DESCONHECIDAS: MULHERES  
CHEFES DE FAMÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
Apresentado ao Departamento de Serviço  
Social da Universidade Federal de Santa  
Catarina, para obtenção do título de  
Assistente Social, orientado pela professora  
Teresa Kleba Lisboa.

*Defendido em:  
Fpolis, 26/06/01*

Florianópolis

Junho de 2001

  
Prof. Krystyna Matys Costa  
Chefe do Depto. de Serviço Social  
CSEK/UFSC

### *Dedicatória*

Dedico este trabalho às pessoas que mais amo, meus pais Ciro e Eugênia, meus irmãos Renata e Emerson e a meu namorado Leonardo. Pessoas que com carinho e amor, sempre confiaram em mim, estimulando-me e encorajando-me nesta trajetória.

## AGRADECIMENTOS

Foram tantos os que estiveram presentes nesta etapa de minha vida, contribuindo direta ou indiretamente, que se torna impossível mencionar todos. Entretanto, agradeço em especial:

Minha mãe **Eugênia**, pelo amor, carinho e dedicação que sempre me ofereceu. E principalmente pelo exemplo de mulher que nunca desanimou e manteve-se em pé apesar de todos os problemas. Agradeço a Deus pelo privilégio de ser sua filha.

À meu pai **José Ciro**, que sempre me apoiou, e mesmo estando em outro plano espiritual, tenho certeza *esta me acompanhando neste momento*.

Aos meus dois irmãos **Emerson e Renata** que sempre estiveram de meu lado, e por me ensinarem o verdadeiro significado da solidariedade e de companheirismo.

Ao meu namorado **Leonardo**, que sempre me incentivou em todos os momentos, e pela dedicação que sempre demonstrou.

À **Zita** pelo bom humor e felicidade sempre presente em seu rosto. Obrigado pelos cafezinhos e por me fazer rir quando a vontade era gritar.

À **Teresa Kleba Lisboa** pelo privilégio de ser sua aluna, e pela dedicação e incentivo imprescindíveis na elaboração deste trabalho.

À **Neli** pelo carinho, dedicação e amizade, que com sensibilidade e segurança, contribuiu para meu enriquecimento profissional.

À **Odete, Marcia, Erinete, Maristela** pela amizade, carinho e companheirismo que se sempre demonstraram.

A APAM, em especial **Ciro** pela generosidade, carinho e apoio que sempre me dedicou.

À professora **Maria da Graça**, pela pessoa e profissional fantástica que é, e pelo carinho com que me acompanhou durante o período de estágio.

As **Guerreiras Desconhecidas** que gentilmente nos receberam, e compartilharam conosco as suas experiências, sem a contribuição das mesmas, não seria possível a concretização deste trabalho.

As colegas de classe, em especial a **Sônia Luiza** pela solidariedade e companheirismo.

À Dona **India** e ao Sr. **Vanderlei** que me acolheram em sua casa como à uma filha, agradeço à vocês por todo o carinho.

E agradeço a todos os meus amigos que me acompanharam nesta trajetória, em especial meu amigo **Gustavo** pela disponibilidade em ajudar, e pelo carinho.

À todos o meu respeito e gratidão!!!



## INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso versa sobre a temática Famílias Monoparentais.

Acreditamos ser a prática um fator preponderante e fundamental para o exercício profissional, concomitantemente com o suporte teórico- metodológico.

A nossa prática de estágio, foi vivenciada no setor de Serviço Social do Centro de Educação Complementar da Costeira do Pirajubaé, projeto este desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Florianópolis.

O Centro de Educação Complementar atende crianças na faixa etária de 6 à 13 anos incompletos, provenientes de camadas populares, no período extra escolar. Tem como objetivo propiciar à criança um espaço alternativo de construção de conhecimento e lazer.

No primeiro capítulo procuramos contextualizar a instituição em todos os seus âmbitos, fazendo um apanhado sobre a estrutura organizacional à que está submetida.

O Centro de Educação Complementar está instalado no prédio da Associação de Pais e Amigos da Criança e do Adolescente –APAM. A associação é anterior ao referido programa, sendo com a denominação APAM que a instituição é conhecida no bairro. Desta forma achamos necessário fazer um breve relato da origem da Associação.

A partir da contextualização da instituição, relataremos o papel do Serviço Social e as atividades desenvolvidas como estagiária.

O Serviço Social na instituição atua junto as famílias das crianças, procurando edificar a cidadania e solidificar a relação família e instituição.

Entendemos que a família tem a tarefa central de socialização e de formação da identidade da criança. A família é responsável pela criança e o CEC deve promover a orientação e aconselhamento para o fortalecimento das relações familiares e da vivência plena da cidadania.

O segundo capítulo Guerreiras Desconhecidas: mulheres chefes de família, retrata a pesquisa realizada junto as famílias monoparentais, pelo motivo de ser este o sistema familiar em maior número presente na instituição.

As famílias monoparentais pesquisadas em sua maioria são formadas por mulheres chefes de família, vivendo em condições precárias e cuidando de seus filhos. A pesquisa foi realizada com um grupo de 9 (nove) mães e 1(um) pai.

A pesquisa realizada junto às famílias monoparentais, teve como objetivo analisar o perfil sócio- econômico e compreender a estrutura familiar.

Procuramos evidenciar a estrutura familiar monoparental através das relações entre os membros do sistema familiar entre si e com a sociedade.

Através da pesquisa abordaremos os dados objetivos e a partir desses as categorias subjetivas.

Os dados objetivos, referem-se ao perfil sócio- econômico das famílias entrevistadas, como renda per capita, número de filhos, casa própria ou alugada, ou seja, subsídios para que possamos visualizar a real situação econômica e o perfil das famílias usuárias.

Os dados subjetivos referem-se as categorias que surgiram no decorrer das entrevistas, elas nos reportam à questões ligadas à valores de cada indivíduo entrevistado e às dificuldades encontradas na subsistência de cada família.

Subjacente a estas categorias, pretendemos explicitar as interpretações relativas a elas, no sentido mais amplo, de compreendermos o contexto em que estão inseridas estas famílias.

Nosso desejo é de que os elementos discutidos neste trabalho, venham à contribuir para melhor entendimento da dinâmica do sistema familiar monoparental.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO</b> .....	8
1. CENTRO DE EDUCAÇÃO COMPLEMENTAR DA COSTEIRA DO PIRAJUBÁ.....	9
2- HISTÓRIA E OPERACIONALIZAÇÃO DO CEC DA COSTEIRA DO PIRAJUBÁ.....	12
3. 3.1 APAM INCORPORANDO O CEC: "O PRIMEIRO TÍTULO DA APAM QUEM COLOCOU FUI EU" - (Dona) ROSA).....	17
3.1- <i>Em que a APAM é importante para as famílias atendidas</i> .....	20
4. O SERVIÇO SOCIAL NO CEC.....	22
5. O PERFIL DAS FAMÍLIAS USUÁRIAS DO CEC.....	30
<b>CAPÍTULO II - GUERREIRAS DESCONHECIDAS: MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA</b> .....	35
1- CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA.....	36
1.1 <i>Desvendando Caminhos Através das Entrevistas</i> .....	38
2 - PERFIL DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS.....	40
3- CONHECENDO AS GUERREIRAS: CHEFES DE FAMÍLIA.....	44
4- REFLEXÕES ACERCA DE GÊNERO.....	45
5- O PAPEL DO EX- CÔNJUGE NA FAMÍLIA.....	49
6- CAUSAS DA SEPARAÇÃO- "ELE COMEÇOU A ARRUMAR MULHER NA RUA E NÃO ESCONDIA QUE ARRUMAVA".....	53
7- VIOLÊNCIAS SOFRIDAS PELAS MULHERES - "EU SOFRIA, APANHAVA E FICAVA COM ELE POR MEDO DE DENUNCIAR".....	56
8- PRINCIPAIS DIFICULDADES EM RELAÇÃO À FAMÍLIA.....	59
8.1 <i>Doenças</i> .....	60
8.2 <i>Educação dos Filhos</i> .....	62
8.3 <i>Restrições Financeiras</i> .....	64
8.4 <i>Ausência de Projetos/Programas para Filhos Adolescentes</i> .....	66
9. DIFICULDADE RELACIONADA AO TRABALHO- "PORQUE É ASSIM SE RECLAMAR UM MONTE, VAI PARA A RUA".....	67
10. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA COM O SR. V.....	70
11. CONCEITO DE FAMÍLIA- O QUE EU ENTENDO POR FAMÍLIA? COMO ASSIM?.....	71
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	74
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	76
<b>ANEXOS</b> .....	78

## CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

## **I. Centro de Educação Complementar da Costeira do Pirajubá**

Este trabalho de Conclusão de Curso é fruto da nossa experiência de estágio curricular na Prefeitura Municipal de Florianópolis, no período de agosto de 1999 a dezembro de 2000, na atual Secretaria da Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social, mais especificamente na Gerência da Família da Criança e do Adolescente, no programa Centro de Educação Complementar (denominado CEC).

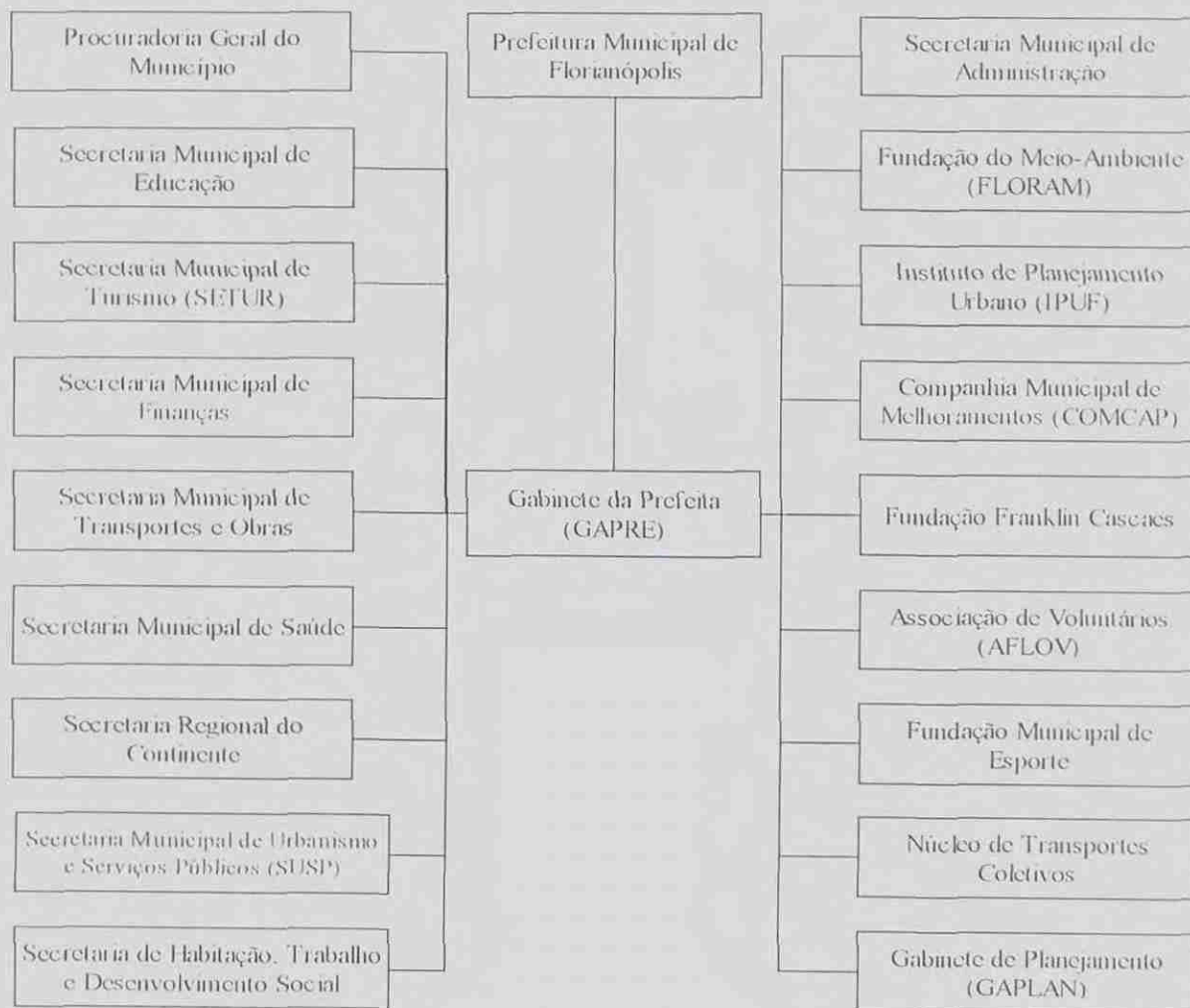
O Serviço Social na Prefeitura Municipal de Florianópolis surge por volta de 1974, vinculado à Secretaria de Educação Saúde e Desenvolvimento Social, através dos trabalhos com as Associações de Pais e Professores (APP das escolas). O Serviço Social era apenas uma Divisão dessa Secretaria.

Em 1985 a Secretaria de Educação Saúde e Desenvolvimento Social divide-se em: Secretaria de Saúde e Desenvolvimento Social e Secretaria de Educação, ambas autônomas e com atuações específicas. A Secretaria de Saúde e Desenvolvimento Social permanece até o ano de 2001, quando novamente sofre alterações e é desmembrada em duas Secretarias: Secretaria de Saúde e Secretaria da Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social.

Hierarquicamente, a Prefeitura Municipal de Florianópolis segue a seguinte estrutura, primeiramente o Gabinete da Prefeita - GAPRE e subordinado a ele estão as nove secretarias, o Gabinete de Planejamento - GAPLAN, a Procuradoria Geral do Município, o Instituto de Planejamento Urbano - IPUF, a Fundação do Meio Ambiente - FLORAN, a Fundação de Esportes - FME, a Fundação Franklin Cascaes - FFC, a Companhia Municipal de Melhoramentos - COMCAP, o Núcleo de Transportes e a Associação Florianopolitana de Voluntários - AFLOV.

O organograma atual da Prefeitura Municipal de Florianópolis segue abaixo:





A Secretaria de Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social é subordinada diretamente ao Gabinete da Prefeita. Em seus níveis de atuação divide-se em cinco gerências, cada gerência é responsável por uma área específica.

A atual estrutura da Secretaria é que segue:



A Gerência da Família da Criança e do Adolescente é responsável pela gestão de programas e projetos sociais de atendimento e defesa à população infanto-juvenil carente e em situação de risco pessoal e social. Dentre estes programas destacamos o Centro de Educação Complementar- CEC.

O programa CEC tem caráter preventivo na própria comunidade e é dirigido a crianças na faixa etária de 06 à 13 anos incompletos, prestando atendimento no período extra escolar, realizando atividades sócio-educativas, nas áreas de: saúde, cultura, esporte, lazer, arte-educação e pedagogia.

O atual programa CEC é a reformulação de um programa, outrora chamado CEBEM (fundamentado no Código de Menores), pautado no Estatuto da Criança e do Adolescente. A implantação do E.C.A. nos leva a um constante repensar da prática, marcando a história dos CECs e redimensionando a proposta sócio-psico-pedagógica para a construção participativa do fazer cotidiano.

O CEC da Costeira do Pirajubaé funciona em parceria com a Associação de Pais e Amigos da criança e do Adolescente (APAM).

É necessário conhecer o bairro da Costeira e a sua forma organizacional para vislumbrar a estrutura da instituição, o qual será abordado no próximo item.



## 2- História e Operacionalização do CEC da Costeira do Pirajubaé

Antes de discorrermos sobre o CEC da Costeira do Pirajubaé, faz-se necessário identificar a comunidade, sua forma de organização e tipos de equipamentos coletivos. A partir desse conhecimento poderemos vislumbrar o quadro social, cultural, econômico e político.

A população do Bairro da Costeira do Pirajubaé no último censo computou 7.065 habitantes, sendo 3.577 homens e 3.488 mulheres (IBGE- Censo Demográfico de SC/91- Dados Preliminares).

O Bairro da Costeira do Pirajubaé faz parte do Distrito sede do município de Florianópolis, conforme a Lei Nº 5504, de 21 de Julho de 1999<sup>1</sup>. Ele está situado próximo ao bairro do Saco dos Limões, às margens da avenida Jorge Lacerda que dá acesso ao Aeroporto e ao sul da ilha.

A Costeira do Pirajubaé conta atualmente com as seguintes associações: a AMOCOP- Associação dos Moradores da Costeira do Pirajubaé é a representante dos interesses da comunidade, APAM- Associação de Pais e Amigos da Criança e do Adolescente oferece cursos a comunidade e atendimento a criança e ao adolescente, e o Centro Espirita que oferece apoio pedagógico e creche para a comunidade carente.

O Bairro da Costeira do Pirajubaé é o típico bairro de Florianópolis que nos últimos 30 anos passou por grandes alterações devido ao aumento da população da ilha.

---

<sup>1</sup> "O Bairro da Costeira do Pirajubaé corresponde as Unidades Espaciais de Planejamento- UEP'S13 14. A zona compreendida nos seguintes elementos físicos e eixos dos logradouros públicos: partindo do Aterro da Baía Sul nas imediações da igreja Cristo Pentecostal do Brasil, do mar por uma linha seca, reta e imaginária cortando o aterro até a avenida Jorge Lacerda; cruzando a avenida Jorge Lacerda em direção a extrema da Igreja Cristo Pentecostal do Brasil com inscrição imobiliária 52.80.008.0460.001 (exclusive) e o lote com inscrição imobiliária 52.80.008.0437.001, por uma linha seca, reta e imaginária até a cota 244, seguindo pela linha cumeada até a cotas 315 no Morro Gema D'Ovo, continuando pela linha cumeada em direção ao Morro da Costeira ( passando pelas cotas 298, 332, 337, 343, 446, 418, 424, 424, 385, 368, 375, 335, 314, 283, 293, 132 e 104) continuando pela linha de cumeada em direção norte- sul descendo até a rodovia SC- 405; cruzando a rodovia SC- 405, daí por uma linha seca, reta e imaginária cortando o Manguezal do Rio Tavares até encontrar o Rio Tavares, neste ponto desce pelo rio até a sua foz, seguindo o contorno do aterro pelo mar até as imediações da Igreja Cristo Pentecostal do Brasil."

A Costeira sofreu um processo de urbanização drástico, antes da construção da avenida Jorge Lacerda era um bairro pequeno com poucas casas. Os homens moradores da Costeira na sua maioria eram pescadores de camarão e as mulheres além de exercerem os deveres do lar, algumas trabalhavam na fábrica de Bordados que existia no bairro.

*"...tudo isso era mar, quando eu era menina a gente descia nos domingos para pegar ostra, comia sentada nas pedras... Quando fizeram a avenida as casas eram poucas, o pessoal vivia do camarão. Depois que fizeram a avenida daí começou a mudar tudo" (Dona Rola, moradora do bairro).*

A avenida Jorge Lacerda facilitou o acesso ao bairro, e para sua construção foi necessário aterrar parte da praia mudando os costumes da comunidade. A praia era o lugar onde nos domingos os moradores se reuniam para conversar, era o espaço de lazer e de sobrevivência pois a maioria dos moradores eram pescadores de camarão.

A facilidade do acesso ao bairro e a grande área desocupada, ocasionou o aumento no número de habitantes. Com o aumento da população é necessário rede de esgoto, água encanada, rede luz, ou seja a estrutura básica de saneamento.

Na Costeira não aconteceu isso, os lotes nos morros foram ocupados sem respeitar as normas de planejamento urbano. Pessoas vivendo em condições precárias de moradia, casas penduradas nas encostas, as inúmeras servidões que nada mais são do que caminhos aberto no meio do mato, contrastam com a vista para o mar e a natureza exuberante.

Antigamente a Bica da Rosalina abastecia o bairro com a água. A Bica da Rosalina ficava ao lado da Igreja Católica, era uma fonte de águas limpas, que matava a sede de todos os moradores. Com a construção da avenida Jorge Lacerda a Bica foi fechada, e por cima dela hoje passa a avenida.

Hoje a água que abastece a comunidade vem da CASAN e da cachoeira. A maioria dos moradores usa a água da cachoeira. As pessoas que moram mais no alto tem a água pura, mas a medida que a cachoeira vai descendo o morro além de fonte de água, ela vira depósito de lixo. A ineficiente coleta de lixo e a falta de informação e consciência faz com que os moradores ao mesmo tempo que consomem a água em suas residências, joguem seu lixo e seu esgoto na cachoeira.

A Costeira do Pirajubaé é um bairro que merece o olhar de nossas autoridades, por vários motivos, pelo valor histórico, pelo contingente populacional vivendo em condições precárias de habitação, saúde, lazer e educação, pela falta de planejamento urbano, pela ausência de coleta de lixo nos partes superiores dos morros, pela constante modificação no equilíbrio ambiental como exemplo a construção da beira mar sul.

Voltando um pouco na história, em 1979 foi implantado no bairro da Costeira do Pirajubaé, o Centro de Bem Estar do Menor- CEBEM, através de um convênio entre a Prefeitura Municipal de Florianópolis e a Legião Brasileira de Assistência- LBA. Neste convênio a Prefeitura cedeu o prédio da antiga escola da comunidade para a implantação do Centro Social da LBA.

O bairro nessa época era formado basicamente por pessoas de camadas populares, algumas vindas do interior do estado e a pesca era a atividade desenvolvida pela maioria dos moradores para consumo e para comercialização

O CEBEM visava atender a criança e o adolescente juntamente com a sua família. O instrumento utilizado para promover esta integração entre CEBEM e família era as reuniões de pais.

*" O objetivo do Serviço Social no Programa de Educação Complementar para pais é capacitar os indivíduos para a ação, orientando seu ajustamento psicossocial e , e desta forma, promover seu desenvolvimento" ( Botelho, A. & Luiz, D. & Medeiros, M., 1980: 176).*

A participação da família era importante para fortalecer os valores da vida familiar e para refletir sobre os problemas do lar.

Os CEBEMs foram pautados no Código de Menores que vigorou até o ano de 1990. Com a implantação do Estatuto da criança e do adolescente surgem os CECs, reformulando e redimensionando a proposta inicial de atendimento da criança e o adolescente.

O programa CEC atende crianças de camadas populares de 06 à 13 incompletos, no período extra- escolar. É um espaço de convivência sócio educativa para crianças e adolescentes dentro da própria comunidade, buscando a prevenção a marginalização

A proposta de atendimento do CEC é de propiciar experiências positivas para a criança, estimulando à expressão, à criatividade, à reflexão, à participação e a integração grupal, dando atenção às individualidades e ao desenvolvimento diferenciado.



A estrutura interna do CEC é operacionalizada da seguinte forma:

- Clientela: crianças de 06 à 13 incompletos
- Horário de atendimento: das 08:00 às 18:00 ininterruptamente.
- Critérios para admissão: crianças matriculadas no ensino formal, prioridade às famílias de camadas populares e mães que exerçam atividades remuneradas.
- Serviços e atividades oferecidos: 04 refeições (almoço, janta e 02 lanches), atividades pedagógicas, educativas, esportivas, culturais e artísticas, auxílio às tarefas escolares, atendimento à família e a comunidade em geral.
- Recursos Humanos: 01 Coordenador/ Assistente Social, 01 Educador Artístico, 01 Técnico em esporte e lazer, 01 Professor Educador, 01 Estagiário de Serviço Social, 02 Merendeiras, 01 Auxiliar de Serviços Gerais e 02 Vigias.

A criança quando chega ao CEC recebe uma refeição, logo após inicia-se o apoio pedagógico onde são feitos os deveres da escola, são tiradas dúvidas referente a algum tema de aula.



### **APOIO PEDAGÓGICO**

Após o apoio pedagógico a criança participa das oficinas, hoje são oferecidas quatro: Boi de Mamão, Teatro, Escolinha de Futebol e de incentivo a Auto Estima.



### **Apresentação do Boi de Mamão no Centro de Florianópolis**

As oficinas propiciam para o grupo interação com a comunidade através das apresentações realizadas.

No bairro o CEC é conhecido como APAM- Associação de Pais e Amigos da Criança e do Adolescente, é necessário desta forma conhecermos a história da associação e como ela surgiu.

### 3. A APAM incorporando o CEC: “O primeiro tijolo da APAM quem colocou fui eu”- (Dona rola)

APAM inicialmente significava Associação de Pais e Amigos do Menor de acordo com o Código de Menores, em 1990 com a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente, houve alteração na nomenclatura passando a ser Associação de Pais e Amigos da Criança e do Adolescente, permanecendo a sigla.

Ela surgiu através da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho em 1988, que incorporou em suas ações o Projeto “Menor uma solução. Você tem outra?”, implantando e criando a Associação de Pais e Amigos do Menor- APAM, em 05 comunidades de Santa Catarina:

- APAM Costeira do Pirajubaé- Florianópolis
- APAM Morro das Pedras- Florianópolis
- APAM Areias- São José
- APAM Vila Georgia Paula- Garuva
- APAM Morro do Abacaxi- Blumenau (atualmente extinguida)

A APAM da Costeira do Pirajubaé foi a primeira a ser implantada em 12 de março de 1988, e se apresentava como uma experiência pioneira em atendimento a criança e ao adolescente no estado de Santa Catarina. O objetivo da APAM é viabilizar cursos, palestras, oficinas e encontros sobre as questões da criança e adolescente, realizando trabalhos integrados às instituições que atuam na comunidade:

*“As APAM’s tem como objetivo, viabilizar alternativas , através da prática comunitária, sobre as questões da criança e do adolescente, na prevenção à excepcionalidade e a orientação familiar, nas áreas de saúde , educação, trabalho, lazer, etc.”(Projeto APAMs, Fundação Maurício Sirotsk Sobrinho).*

Essas práticas são efetivadas através dos cursos profissionalizantes oferecidos à comunidade e ao atendimento de crianças e adolescentes. Em sua sede a APAM abriga o Centro de Educação Complementar – CEC, projeto da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

A Prefeitura Municipal de Florianópolis estabeleceu parceria com a APAM em 1992, quando a Coordenação do CEC da Costeira, que já funcionava no Bairro no



prédio da antiga Legião Brasileira da Boa Vontade- LBA, onde hoje é a Escola Adotiva Liberato Valentim, procurou a diretoria da associação propondo a união dos serviços, pois ambas desenvolviam trabalho semelhante.

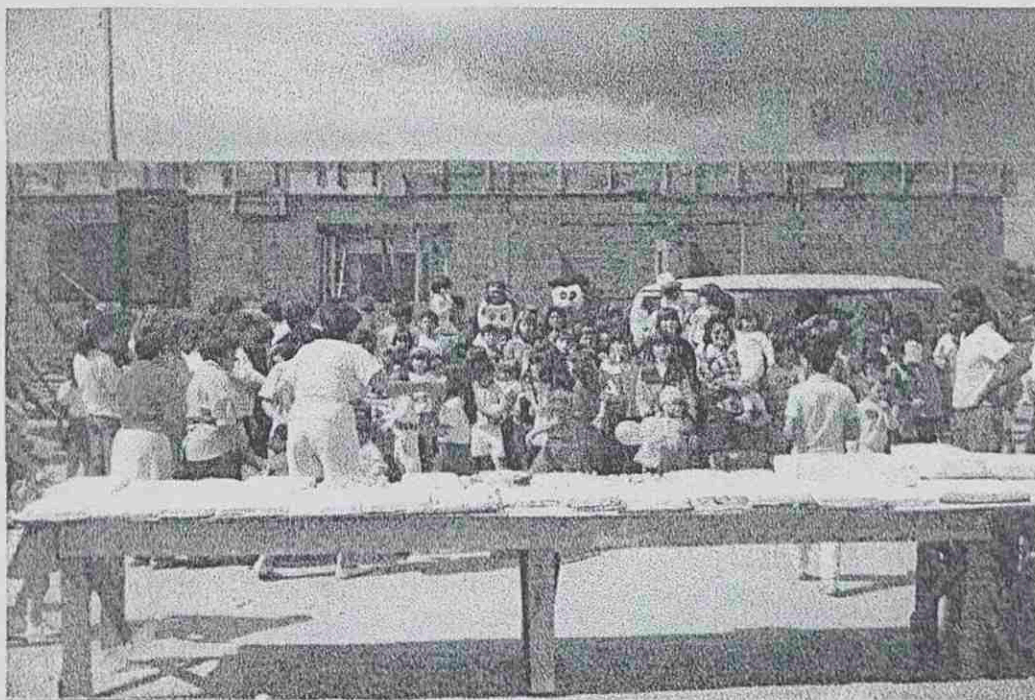
*“A diretora do CEC nos procurou, porque a APAM e o CEC desenvolviam o mesmo trabalho, então foi feito um convênio onde a APAM cederia o espaço físico e a Prefeitura entraria com os recursos para manter o CEC, porque a APAM já tinha um trabalho com crianças e adolescentes na comunidade...”* (Ciro Silveira, ex presidente da APAM e atual tesoureiro)

A parceria consiste a prefeitura responsabiliza-se pelos recursos humanos, capacitação, material didático e esportivo, alimentação, luz e água , a APAM cede o espaço físico e continua prestando cursos à comunidade. A APAM conta com um convênio com a Secretaria de Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social para subsidiar os cursos e a manutenção do prédio. Atualmente a APAM oferece curso de Informática para a comunidade.

A união e a mobilização da comunidade para a construção do prédio da APAM, foi de extrema importância para a sua concretização.

*“o primeiro tijolo da APAM quem colocou fui eu, fiz questão”* (Dona Rola, fundadora da APAM e moradora antiga do bairro)

A comunidade se mobilizou para angariar fundos foram realizados vários mutirões para construção do prédio, sendo que a sede da APAM só foi concretizada pelo interesse da comunidade em construir um espaço de atendimento a criança e ao adolescente.



**Exemplo de uma atividade realizada pela comunidade para construção da sede da APAM**

Durante os primeiros anos a APAM se manteve através de doações, da renda de bingos, jantares, cafés coloniais e outros. Os funcionários promoviam eventos para receberem os seus salários.



### 3.1- Em que a APAM é importante para as famílias atendidas

Quando questionadas da importância da instituição para a família, várias colocaram se não fosse a APAM elas não teriam onde deixar os filhos para trabalhar.

*"É importante assim, se não fosse a APAM não sei onde deixaria, apesar, que as vezes não tem. Mas é muito importante, porque se não eu não poderia trabalhar fora"* (Sra. L.).

Esta concepção de que a instituição é um lugar para deixar apenas os filhos, é perigosa. Porque a partir desta visão a instituição torna-se depósito de crianças que não tem com que ficar em casa.

Para outros pais a APAM é um espaço de conhecimento.

*"Para mim é uma boa, porque uma que ele não fica em casa andando a tarde toda, que ele estuda de manhã, daí a tarde ele não fica vadiando na rua, fazendo coisa que não presta, pelo menos ele tá aprendendo coisa que mais tarde vai dar valor para ele."* (Sra. Al.)

A APAM retira a criança da rua e lhe oferece ensinamentos. É também um espaço de proteção à criança.

*"A APAM é muito importante assim, que a única coisa que eu penso que a minha filha tá segura, ela tá num lugar bom para ela. Eu acho que ela estava precisando de um lugar assim"* (Sra. A).

A necessidade de deixar os filhos em lugar seguro é uma das funções segundo uma mãe. Para outros além de todas essas a APAM minimiza situações de pobreza.

*"Mas como aqui na APAM tem rejeição... então eu fico despreocupada, que nem na APAM tem almoço, tem uma comidinha para eles, então eu fico despreocupada"* (Sra. B.).

A APAM faz parte das estratégias de sobrevivência para esta mãe, como ela não consegue prover o alimento, a instituição parcialmente resolve o problema.

Através deste testemunhos percebemos que a instituição esta cumprindo o seu papel fundamental que é criar espaços alternativos de lazer e educação dentro da própria

comunidade. A instituição vem atender à uma necessidade das famílias, porque sem este espaço os familiares não teriam onde deixar os seus filhos.

#### 4. O Serviço Social no CEC

O CEC surge como uma política de prevenção a marginalidade, tentando evitar o aumento de crianças nas ruas, criando espaços na própria comunidade para que essas crianças e suas famílias desenvolvam e resgatem a cidadania. A rua afasta a criança de sua família e da comunidade e oferece caminhos que levam a violência, ao crime, as drogas e outros.

Os objetivos do CEC são:

##### **Gerais:**

- Desencadear um processo de resgate e construção de cidadania, possibilitando a cada pessoa uma leitura e intervenção na sua realidade social
- Oportunizar espaço de convivência sócio-educativo para crianças e adolescentes, dentro das próprias comunidades, buscando a prevenção a marginalização.

##### **Específicos:**

- Desenvolver o processo sócio-pedagógico entre educadores e educandos de forma participativa;
- Prestar atendimento psicossocial às crianças e aos adolescentes do Programa, bem como às suas famílias;
- Promover a integração e articulação do CEC com as escolas e outras instituições que atendem a comunidade;
- Enfatizar o desenvolvimento da criança em todos os aspectos: cognitivo, afetivo e social;
- Criar espaços de reflexão para os educadores aprofundarem a consciência de seu papel social;
- Propor mecanismos que facilitem a integração entre o CEC e a família dos educandos;
- Proporcionar às famílias uma reflexão sobre temas educativos abrangentes;

- Oferecer alimentação dentro dos padrões básicos de equilíbrio nutricional;
- Possibilitar a prevenção questões básicas de saúde ;
- Acompanhar as famílias em situação de crise, oriundas na comunidade.

O CEC está comprometido com os sujeitos socialmente excluídos e desprovidos de seus direitos básicos: saúde, lazer, habitação e outros. Essa exclusão é gerada pela fragilidade das políticas sociais para as camadas populares. As políticas sociais são tratadas de forma compensatória, não favorecendo a cidadania plena.

Florianópolis por ser capital do Estado e polo turístico sofre constante fluxo migratório de famílias, na maioria vindas do interior do Estado em busca de melhores condições de vida.

No entanto, a exigência por mão de obra qualificada, o mercado de trabalho restrito e sem infra-estrutura para absorver este contingente populacional, não propiciam condições para melhoria qualitativa de vida a essas famílias.

As políticas sociais, essencialmente, habitação, saúde e educação, não tem conseguido alterar o quadro de pobreza e exclusão de parcela significativa da população.

Esse quadro de exclusão aumenta mais com a necessidade da inserção da mulher no mercado de trabalho, com a desqualificação profissional dos pais que submetem-se ao subemprego, não tendo renda suficiente para suprir as necessidades.

Esse quadro de miséria e a luta pela sobrevivência, gera uma inversão de papéis, ou seja, as crianças começam a trabalhar precocemente ou são obrigadas a mendigar. Desta forma ao invés da criança ser protegida, ela está sendo explorada socialmente e sujeita a situações de riscos trabalhando inadequadamente ou em situação de mendicância. Por esses fatores a família tem dificuldades para desempenhar as suas funções de educar e proteger.

A Constituição Federal e o Estatuto da Criança do adolescente estabelecem que o atendimento a criança e ao adolescente constitui um dever do Estado, da família e da sociedade civil. Um efetivo atendimento a criança e ao adolescente passa pela manutenção dos vínculos familiares e com os elos sócio- culturais da sua comunidade. O Estatuto da criança e do adolescente, Lei 8069/90 em seu Art. 4º estabelece:



*“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.”*

A criança é considerada um ser humano em processo peculiar de desenvolvimento e por isso deve ser protegida.

Ao falarmos sobre família é necessário compreender as diferenças sócio- psico- étnicas- culturais presentes em cada núcleo familiar e respeitar às individualidades, abrindo mão de modelos idealizados. Segundo Miotto, 1996, a família é:

*“... um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo mais ou menos longo que se acham unidas (ou não) por laços consanguíneos. Ele tem como tarefa primordial o cuidado e a proteção de seus membros, e se encontra dialeticamente articulado com a estrutura social na qual está inserido.”*

Essa definição nos permite admitir a família não apenas como uma unidade de pessoas que vivem ligadas por parentesco ou matrimônio durante um determinado espaço de tempo. Mas pressupõe ser uma experiência compartilhada entre os membros de um conjunto, onde cada membro se desenvolve e se apropria da estrutura do grupo.

A família constitui um sistema aberto, onde o grupo familiar deve ser percebido como um todo, através do qual seus membros encontrem-se dinamicamente articulados entre si e em interação com outros sistemas. Não é possível entender um jogo de xadrez olhando apenas as peças, é necessário analisar como as peças estão distribuídas no tabuleiro. Cada membro desta unidade chamada família é uma peça, que quando alterada interfere em toda a estrutura familiar.

Por ser parte integrante da cultura e do momento histórico a família deverá ser vista de forma dinâmica, pois vai assumindo as mais variadas formas, na medida em que o processo histórico vai evoluindo.

Neste trabalho enfocaremos as famílias formadas por mães ou pais com seus filhos e sem o cônjuge, as famílias definidas como monoparentais.

O Serviço Social neste contexto trabalha na construção de um projeto de sociedade mais humana, onde os usuários tenham efetivamente seus direitos mantidos pelo Estado. A família é responsável pela criança e o CEC deve promover a orientação e

aconselhamento para o fortalecimento das relações familiares e da vivência plena da cidadania.

O Serviço Social tem como objetivo abordar e mediar famílias, na tentativa de apoiá-las e fortalece-las, através de políticas de atendimento. Tem como pano de fundo: a instituição CEC- Família- Serviço Social, devendo olhar a família como um todo e não de forma fragmentada.

O Assistente Social em sua prática sócio – educativa no CEC, tem as seguintes atribuições:

**Atendimento às famílias usuárias do CEC:** O atendimento às famílias das crianças do CEC é realizado quando a própria família nos procura com alguma dificuldade, ou quando percebemos que está passando por uma fase delicada. A criança é o “termômetro” da família, se ela não estiver bem, geralmente a família também não está. Esse atendimento é realizado no CEC através de visitas domiciliares, de entrevistas e de encaminhamentos para instituições que possam auxiliar a família em sua dificuldade.

**Atendimento as famílias da comunidade que procuram o Serviço Social do CEC, e encaminhamento quando necessário à outros serviços:** Por sermos a única instituição no bairro que em seu quadro funcional conta com o profissional de Serviço Social, recebemos constantemente pessoas e famílias em busca de atendimento. O procedimento é o mesmo adotado para com as famílias usuária do CEC.

**Encaminhamentos a outros projetos ou programas, e estatísticas dos encaminhamentos realizados:** Os encaminhamentos são constantes em nossa prática. São realizados encaminhamentos ao Conselho Tutelar, ao atendimento do setor de psicologia, a assistência pública, ao posto de saúde, as escolas do bairro, e a outros dependendo da demanda, sendo o encaminhamento realizado através do Termo de Encaminhamento.

**Mediação entre famílias- CEC e outras instituições:** as famílias que procuram o Serviço Social muitas vezes estão com questões internas que podem ser facilmente solucionadas, através de dialogo e acordo. O profissional busca informar os usuários de seus direitos e deveres, visando minimizar o conflito. Entre famílias e outras instituições

o Serviço Social deve assegurar alternativas de inclusão e participação em programas existentes.

**Visitas domiciliares:** A visita domiciliar é um importante instrumento do Serviço Social, para conhecer o meio em que a família está inserida e para um maior contato entre o profissional e o usuário.

**Coordenação no Bairro da Costeira do Pirajubaé do projeto Hora de Comer:** O projeto Hora de Comer é uma parceria entre AFLOV e a Prefeitura Municipal de Florianópolis e atende crianças em situação de desnutrição de 2 à 6 anos. As crianças inscritas no projeto são encaminhadas pelo médico do posto de saúde. Mensalmente é realizado uma consulta onde a criança é pesada e medida constatando se a criança esta desnutrida ou não. A mãe ou um responsável participa mensalmente de uma palestra informativa obrigatória, onde neste dia é entregue o encaminhamento do posto de saúde com o peso e a alturas. A criança que estiver participando do projeto recebe mensalmente uma cesta nutricional. No bairro da Costeira a coordenação do projeto é realizada pelo Assistente Social do CEC.

**Coordenação no Bairro da Costeira do Pirajubaé do programa PETI, Programa de Erradicação ao Trabalho Infantil:** Coordenamos também o Programa de Erradicação ao Trabalho Infantil- PETI no bairro. Esse programa é uma parceria da Prefeitura Municipal de Florianópolis com a Secretaria Estadual da Família e o Governo Federal. O programa procura coibir o trabalho infantil. Sendo que na realidade em que trabalhamos o maior índice é de crianças com cultura de rua, em situação de mendicância. A criança que está participando do programa obrigatoriamente deve estar matriculada e frequentando o ensino formal e a jornada ampliada. O CEC desempenha o papel de *jornada ampliada*, atendendo essas crianças no período extra escolar. É feito acompanhamento mensal juntamente com a escola sobre a frequência do aluno, posteriormente é realizado um relatório que será entregue a coordenação geral do PETI.

**Participação nas reuniões da Gerência da Família da Criança e do Adolescente:** Mensalmente é feito uma reunião com os coordenadores para tratar de



assuntos sobre a administração dos CECs, verificar dificuldades e discussões para melhoria do atendimento. Para os funcionários é feita uma parada semestral de capacitação.

**Organizar reuniões com a equipe técnica e com os pais das crianças do CEC;** As reuniões com a equipe técnica do CEC são realizadas mensalmente cabe ao coordenador planejar e conduzir a mesma. Desta forma é realizado semestralmente a reunião com os pais, durante as reuniões são feitas dinâmicas pertinentes a temática abordada.

**Documentação da área administrativa do CEC:** Cada projeto ou programa vinculado ao CEC exige uma documentação. O Assistente Social é o responsável por essa área.

**Formação e seleção de turmas:** No início do ano é realizado a semana de matrículas para alunos novos, são reservadas vagas para as crianças do ano anterior que confirmarem o interesse de continuar no CEC. O restante das vagas serão preenchidas por crianças que se adequem aos critérios de admissão, citados anteriormente.

No período em que desenvolvemos o nosso estágio na instituição, as atividades foram as seguintes.

O primeiro semestre de estágio foi de observação, realizamos o estudo da instituição e a caracterização da clientela, neste período não exercemos as atividades relativas a profissão.

No segundo e no terceiro semestre, desenvolvemos as atividades citadas acima, exceto as de coordenação.

No segundo semestre criamos uma oficina de Serviço Social, a oficina era semanal, e tinha como objetivo geral trabalhar temas de interesses do grupo.

Os temas dos encontros eram definidos pelas crianças, onde o grupo sugeria e se organizava para realização das atividades. O nosso trabalho restringiu-se a orientação do grupo para que os membros fossem impelidos a pensar e agir com consciência de grupo.

Algumas das atividades desenvolvidas foram as seguintes.



Uma das atividades desenvolvidas foi o dia do Estatuto da Criança e do Adolescente. Houve uma dinâmica em que cada criança recebeu um artigo da lei e outra o exemplo do artigo, os artigos eram lidos pelas crianças e os que estavam com o exemplo tentavam identificar, após a identificação era feito um pequeno comentário sobre o artigo e o exemplo. Essa atividade foi de grande aceitação por parte do grupo, eles se mostraram interessados por conhecer a lei que os protege e dita os seus deveres.

As crianças no CEC participam de todas as oficinas, uma delas é a de teatro, que lhes da base para montar uma peça sozinhos, o processo de criação parte do grupo. Foi combinado com a turma que eles montariam um teatro com texto, figurino e cenário. As crianças se organizaram e formaram o teatro.

Confesso que foi uma surpresa, por mais que nós estivéssemos conscientes da realidade de pobreza e violência em que elas vivem não estávamos preparadas para o que foi apresentado; o título do teatro foi o Monstro do Mangue, durante a peça foi encenado apenas lutas entre os atores, as falas eram apenas gritos de guerra.

Essa apresentação nos fez repensar no papel que a sociedade e a família representam para uma criança. O que estas crianças estão absorvendo da comunidade em que vivem, qual é o grau de violência que estão inseridas.

No desencadear da oficina percebemos que dentro do grupo surgiram líderes. Esses líderes tentaram impor as suas vontades o que ocasionou a ruptura do grupo. Para o desenvolvimento do grupo foi um aspecto negativo pois prejudicou o andamento das atividades.

Dentro de um grupo é natural que surjam líderes, mas é necessário que se explore as potencialidades de cada membro, e não ficar restringido a um pequeno grupo as decisões. O comportamento grupal não é a soma dos comportamentos individuais, mas o resultado de uma união.

A questão principal que ocasionou a ruptura do grupo foi as divergências entre meninas e meninos. Foi uma espécie de guerra dos sexos, cada gênero com seus papéis definidos e com interesses divergentes.

Cabe ao orientador perante a essa problemática incentivar e dar, na medida do possível subsídios para o grupo reconhecer as próprias limitações, enfrentar e solucionar os seus problemas., procurando sempre que possível estabelecer relações positivas entro o grupo.

Os aspectos positivos que aconteceram mesmo com duas linhas divergentes internas no grupo, foi a mobilização para realização das tarefas. Quando uma atividade era de comum acordo o grupo se unia e realizava .

No segundo e no terceiro semestre de estágio, o nosso agir profissional foi focado ao trabalho com as famílias usuárias da instituição. Este será o próximo item a ser abordado.

## 5. O Perfil das Famílias Usuárias do CEC

A maior dificuldade no atendimento a crianças de camadas populares é a exclusão social que sofrem suas famílias. Exclusão social gerada pela falta de escolaridade dos pais (restringindo a possibilidade de arrumar emprego), pela opção ao mercado informal instável como forma de sobrevivência, a recessão econômica, pela fragilidade das políticas sociais dirigidas às camadas populares, pelas precárias condições de moradia e por diversas outras conseqüências da pobreza. Segundo José Souza Martins (1997, p 18):

*“O que se chama de pobreza em termos concretos, é privação: privação de emprego, privação para participar do mercado de consumo, privação de bem-estar, privação de direitos, privação liberdade e privação de esperança.”*

As famílias que compõe a clientela do CEC, além de estarem sujeitas a esses fatores, têm que comprovar a constrangedora situação de pobreza a que estão submetidos, para conseguir uma vaga para seus filhos.

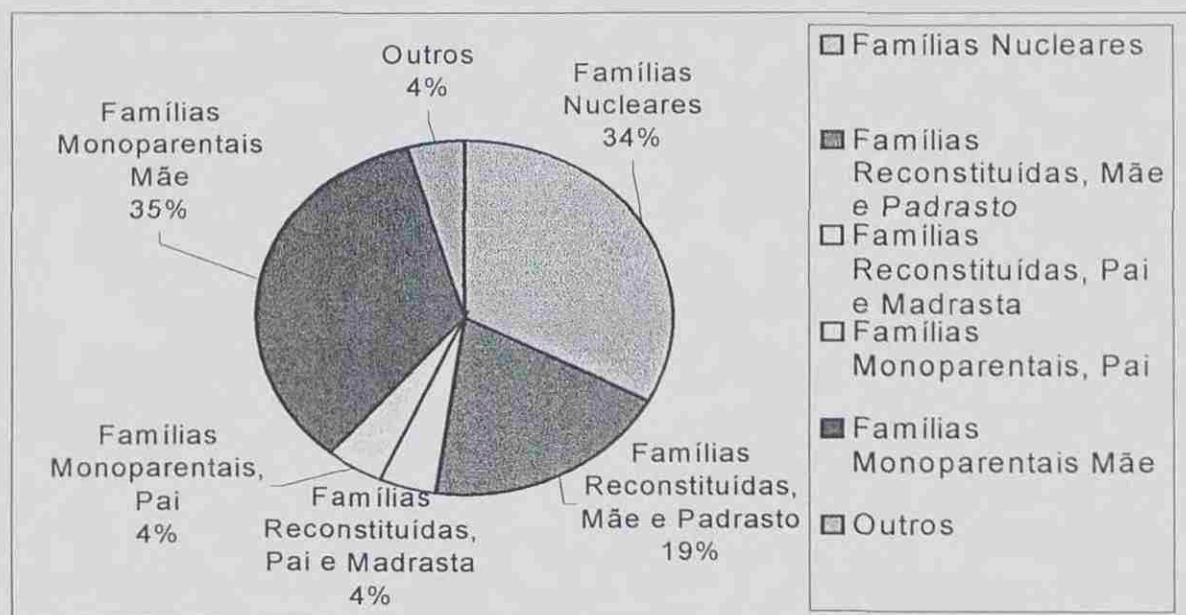
O CEC não comporta a demanda da comunidade, existem filas de espera e dessa forma as vagas são destinadas a famílias, que através da triagem, comprovem maior grau de necessidade. É o critério de atendimento pelo principio da cidadania invertida<sup>2</sup> quanto maior a situação de exclusão maior será a chance de ingressar na instituição, devido ao reduzido numero de vagas oferecidas. Esse principio é contra a ideologia dos profissionais que atuam na instituição. O ideal seria ter estrutura para atender a demanda e incluir todos os necessitados de serviços.

Mas o quadro reduzido de funcionários, a impossibilidade de aumento do efetivo não propiciam a abrangência do serviço. As estratégias do profissional de Serviço Social perante essa problemática é o encaminhamento a outras entidades que prestem o mesmo serviço ou semelhante.

---

<sup>2</sup> Segundo Camilo (1997) e Sposati (1989) in Geney pagina 34, 1997 (Revista Katálysis)

Para melhor vislumbrarmos as famílias atendidas pela instituição faremos uma análise dos modelos familiares encontrados.



Os modelos encontrados são formados por: famílias nucleares, monoparentais (chefia masculina e feminina), reconstituídas ( composta por mãe e padrasto, pai e madrasta) e os denominados outros referem-se a crianças que moram com avós e tios.

As famílias nucleares perfazem o total de 34% das atendidas. O modelo nuclear baseia-se nas figuras centrais do pai e da mãe naturais. Neste sistema familiar cada membro assume um papel, geralmente é o pai provedor e a mãe dona de casa, mas essa estrutura pode ser flexível, com mulheres contribuindo na renda familiar .

O sistema de famílias reconstituídas refere-se a homens e mulheres com filhos de uniões anteriores que resolvem estabelecer um novo relacionamento. Em nosso estudo 19% das famílias reconstituída são formadas por mães e padrastos, pais e madrastas somam 4% e juntos o total é de 23%.

As denominadas famílias monoparentais serão abordadas no próximo capítulo. Das famílias estudadas 4% são chefiadas por homens e 35% por mulheres.

O item abordado como “outros” engloba 4% das famílias atendidas.



Baseados nos sistemas familiares encontrados, verificamos o número de filhos por família.

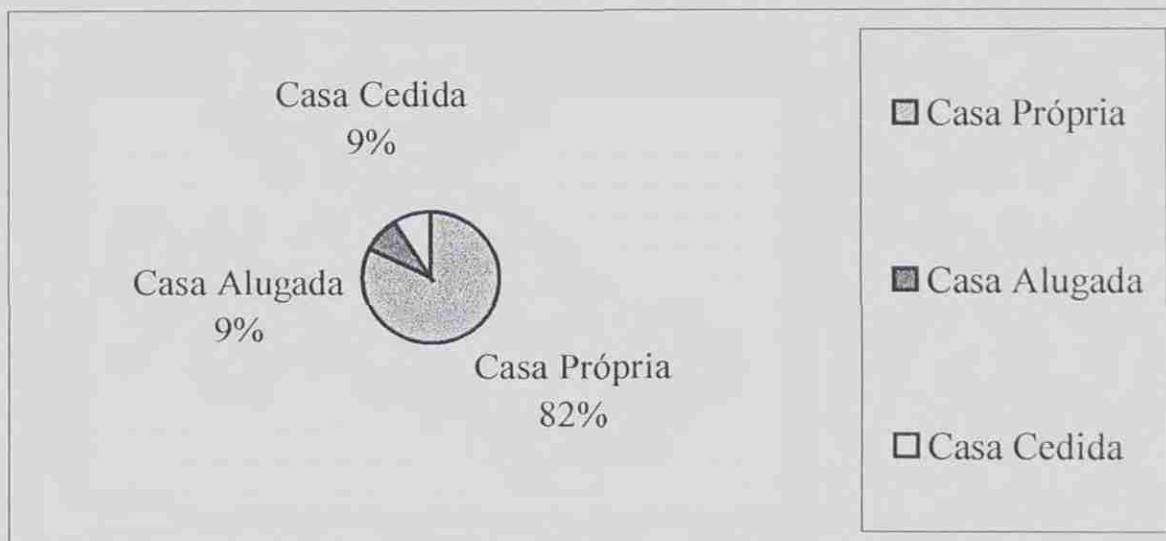


28% das famílias abordadas tem até 3 filhos, é o maior índice. As famílias com 2 filhos somam 25% do total, seguido por 21% com 5 ou mais filhos, 16% até 4 filhos e o menor número é de famílias com 1 filho apenas. Em essas famílias a renda percapta é de :



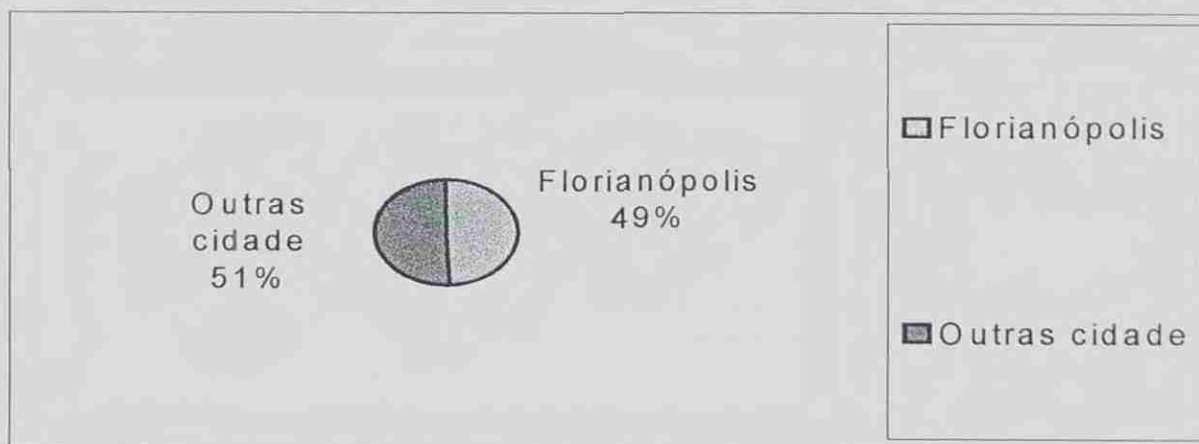
A grande maioria das famílias atendidas tem renda percapta até meio salário mínimo, nesse dado incluí-se famílias sem renda alguma. Em 27% dos pesquisados a

renda é de até um salário mínimo, e apenas 10% tem renda superior a 1 salário. O salário mínimo hoje no Brasil é de R\$ 186,00 (conferir o valor real). Mesmo com a renda percapta inferior a meio salário o numero de famílias morando em casa própria é bastante elevado.



A grande maioria possui casa própria, 82%, mas há que se considerar as condições precárias de moradia. 9% mora em casas alugadas, esse número refere-se na pesquisa mostra como sendo de mães separadas e de casais novos.

Dessas famílias 49% são nativas de Florianópolis e 51% são famílias de outras cidades.



O CEC atende atualmente 67 famílias, desse total 39% são famílias monoparentais.

Em virtude do expressivo número de sistemas familiares monoparentais encontrados na instituição, o próximo capítulo versará sobre a pesquisa realizada com os chefes de famílias formados por este sistema.

**CAPITULO II - GUERREIRAS DESCONHECIDAS: MULHERES CHEFES  
DE FAMÍLIA**



## 1- Considerações Sobre a Pesquisa

O objetivo geral da nossa pesquisa foi analisar o perfil e a dinâmica das famílias monoparentais atendidas pelo Centro de Educação Complementar da Costeira do Pirajubaé.

A metodologia de pesquisa utilizada foi a “trajetória de vida” seguindo parâmetros da Pesquisa Qualitativa.

*“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, e com um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1993, p.21 e 23)*

Anualmente a instituição realiza um perfil das famílias usuárias do CEC, englobando dados como: unidades familiares, número de integrantes, renda per capita, ocupação, procedência, tipos de residência (própria, alugada ou outro). Analisando os resultados temos um perfil de nossa clientela. Esse perfil baseia-se nos dados cadastrais dos alunos.

O estudo do perfil demonstrou que a maior porcentagem de sistemas são formados por famílias monoparentais. Mulheres chefes de família vivendo em condições precárias e cuidando de seus filhos sem amparo legal.

A partir deste dado começamos a investigar quais eram essas famílias. De 67 famílias atendidas 26 eram monoparentais, perfazendo o total de 39%. Destas 26 famílias selecionamos aleatoriamente 10 para serem pesquisadas, 9 desse grupo são chefiados por mulheres e 1 por um homem.

A partir da delimitação das famílias a serem pesquisadas, elaboramos um questionário/entrevista com fio condutor (anexo), dividido em 3 grandes áreas: história de vida (onde nasceu, qual o grau de instrução, com que idade casou e outros), maiores

dificuldades encontradas para manter a família (econômica, afetiva e outros) e o papel do ex companheiro na rotina familiar.

A entrevista é uma forma de abordagem técnica do trabalho de campo, é uma coleta de dados relatada através da fala dos atores sociais envolvidos.

O questionário utilizado como fio condutor permitiu que obtivéssemos dados objetivos que permitem elaborar um perfil econômico das famílias pesquisadas, e dados subjetivos relacionado a valores, as atitudes e as opiniões dos atores sociais. Cada família tem uma forma de funcionar e funciona a partir de certos valores, gerados pelo meio e pela herança cultural a que estão sujeitos.

As entrevistas foram gravadas para garantir a integridade dos relatos. Os depoimentos dos entrevistados basearam-se na história de vida, respeitando a objetividade do questionário e dando margem a subjetividade das pessoas pesquisadas.

Aliado as entrevistas estão as visitas domiciliares, importante instrumento utilizado no Serviço Social. As visitas possibilitam maior contato com a realidade das famílias, e faz com que os entrevistados se sintam mais confortáveis em seu ambiente para relatarem suas experiências de vida.

### *1.1 Desvendando Caminhos Através das Entrevistas*

No processo de execução das entrevistas, quatro fatores marcaram a nossa prática: surpresa pelas histórias de vida descritas com tamanha riqueza, ouvir os relatos dos entrevistados muitas vezes dolorosos mantendo o distanciamento científico do objeto a ser pesquisado, a naturalidade com que fomos recebidos, os entrevistados se sentiram felizes por estarem colaborando com o nosso trabalho e o desconforto em relação a doenças contagiosas.

As entrevistas foram ricas em conteúdo, os entrevistados não se limitaram a responder o que lhes foi questionado, eles se estenderam em outros comentários ligando um assunto ao outro, as vezes até fugindo da questão principal. A técnica do fio condutor possibilitou aos entrevistados relatar suas vidas abertamente sem pudores. Apenas uma mãe escondeu fatos enquanto o gravador estava ligado, depois que o desligamos ela começou a responder claramente as perguntas.

Estar dando uma entrevista, ter alguém interessado em ouvir a sua história, faz o entrevistado se sentir importante e reforça a auto estima. Houve mães que se sentiram tão felizes por estarem dando o seu depoimento, que pediram cópia da fita só para ouvirem a sua voz no gravador, e se prontificaram a dar o seu depoimento em público. Para essas mães calejadas pela vida, foi uma alegria ter alguém para lhe ouvir.

Entrevistar essas mulheres guerreiras e lutadoras foi uma experiência marcante, pela qualidade de seus depoimentos e pela luta diária que elas enfrentam para acariciar educar e alimentar seus filhos, muitas vezes esquecendo que elas mesmas precisam de afeto, carinho e de uma mão estendida oferecendo apoio.

Durante o período de estágio de um ano e meio convivemos com os entrevistados alguns diariamente como o caso da Sra. T., outros esporadicamente. Mas nos atendimentos realizados as vezes ficava o questionamento como a situação de precariedade destas pessoas chegou a determinado ponto! A partir das entrevistas, onde procuramos apenas ouvir sem procurar causas ou soluções, ficou claro os motivos ou fatores que determinaram a situação atual.

Cada família tem uma forma de funcionar e funciona a partir de certos valores, gerados pelo meio e pela herança cultural que justifica as ações

Existem momentos da entrevista em que a emoção do entrevistado extrapola, e o entrevistador se solidariza com a situação mas mantém o equilíbrio profissional.

O conteúdo das entrevistas trouxe a tona lembranças passadas, sentimentos acumulados de magoa, medo, frustrações e a carência emocional.

A magoa do ex-companheiro pela falta de apoio para educar os filhos e apoio financeiro. Rancor pelas humilhações e agressões sofridas. Medo de que o ex-companheiro possa lhes prejudicar, ou tirar os filhos e frustrações por não poderem oferecer aos filhos a qualidade de vida almejada.

Em uma das visitas domiciliares realizadas, nos sentimos desconfortáveis com determinada situação: a mãe, de uma das entrevistadas, Sra. D., que estava presente. A Sra. D. é portadora de hanseníase, doença que quando não tratada é contagiosa.

A hanseníase é uma doença secular, e possui tratamento que impede e controla o avanço da doença. É de conhecimento da instituição em que trabalhamos que a Sra. D. não faz tratamento. A Sra. D. tem como meio de subsistência arrecadação de esmola no centro da cidade devido a sua doença. Por isso ela não tem interesse no controle da doença, que pode retirar uma das suas formas de sustento.

Durante esta entrevista nos sentimos desconfortáveis com a situação, pois a possibilidade de contaminação existe. Diferentemente de uma entrevista que realizamos com uma mãe portadora de HIV, a Sra. I..

Atualmente é de notório saber as formas de contágio do HIV, por ser uma doença amplamente discutida e divulgada na mídia. Quando os primeiros casos de HIV surgiram, existia preconceito e medo pelo fato de as pessoas não estarem informadas e seguras quanto as formas de contágio.

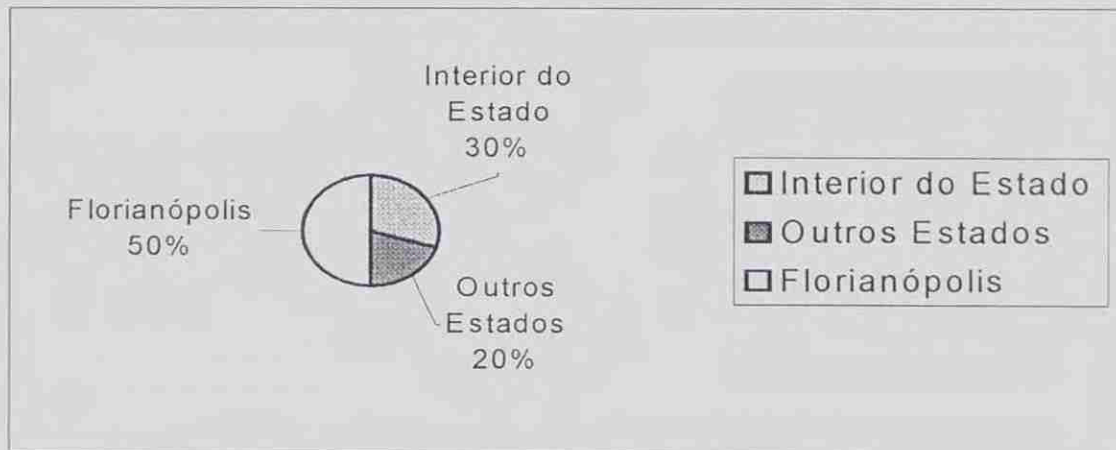


## 2 - Perfil das Famílias Entrevistadas

Iniciaremos a apresentação dos dados coletados durante a pesquisa. A partir da identificação dos dados objetivos, passaremos a discorrer sobre as categorias teóricas que surgirão no decorrer das entrevistas.

Das famílias pesquisadas nove são chefiadas por mulheres e uma por um homem.

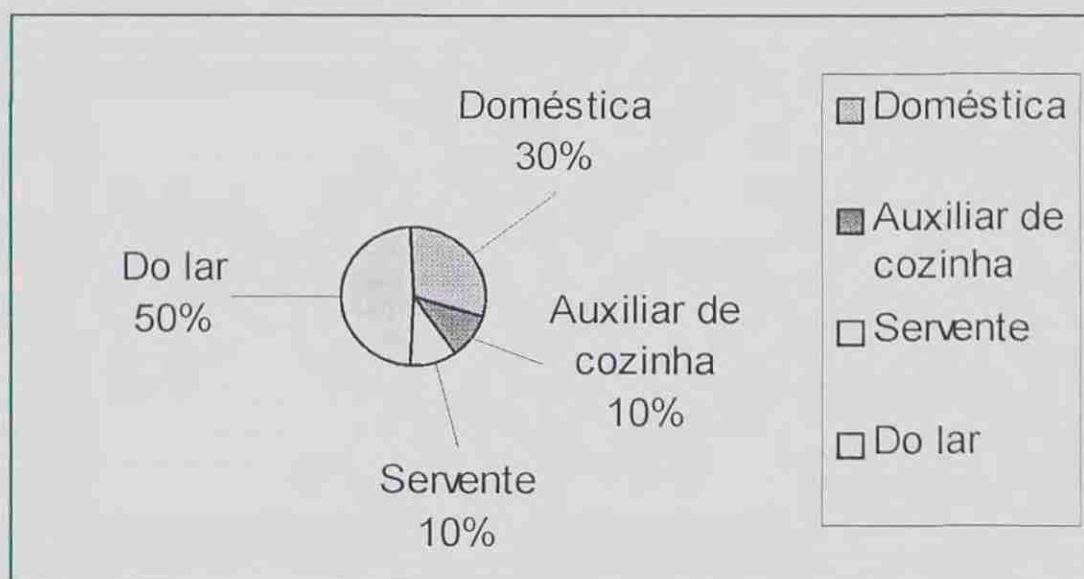
Este grupo é formado 50% por pessoas naturais de Florianópolis e 50% por migrantes.



Essas pessoas vieram para Florianópolis em busca de melhores condições de trabalho ou a convite de parentes.

Florianópolis é uma cidade que não possui fábricas, a economia municipal baseia-se no comércio, no emprego público por ser capital do Estado e sazonalmente no turismo.

O mercado de trabalho restrito, a grande oferta de mão de obra e a baixa qualificação profissional dificulta o ingresso no mercado de trabalho. Dos sujeitos pesquisados 50% estão ingressos no mercado de trabalho.



Dos entrevistados 50% desenvolvem atividades remuneradas, sendo que 30% exercem a função de empregadas domésticas e 10% são serventes contratadas por firmas e 10% são auxiliares de cozinha.

Aliado a atividade remunerada, 30% dos entrevistados acumulam as tarefas relacionadas à casa, os outros 20% os filhos mais velhos responsabilizam-se pela organização da casa.

Entre os que não exercem atividades remuneradas, apenas um dos entrevistados não responsabiliza-se pelas tarefas da casa, a ex companheira exerce essa função. Diariamente ela sai de seu trabalho e passa na casa do ex companheiro para visitar os filhos e arrumar a casa. Apesar de separados ela exerce o papel de dona de casa e provedora do lar, pois é a única a ter rendimentos.

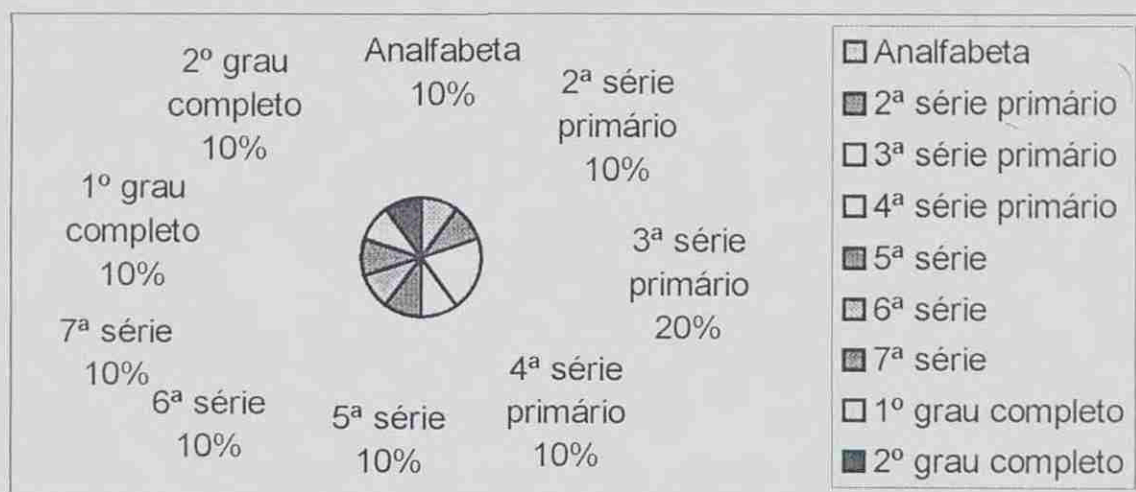
Os entrevistados que não exercem função remunerado citam como dificuldades para arrumar emprego a escolaridade, uma mãe cita problemas dentários como impecilio.

*“Para te dizer a verdade, eu estou querendo logo extrair esses meus caquinhos de dente. A dificuldade que eu encontro é de colocar logo esse meu dente, eu estou falando com você com vergonha deles. Eu acho que o dente está me criando um pouquinho, não um poução de problemas” (Sra. B.).*

A questão estética, de dentes saudáveis aliada a auto estima por não se sentir bem com os dentes cariados é apontada por essa mãe como a maior dificuldade encontrada por ela para conseguir um emprego.

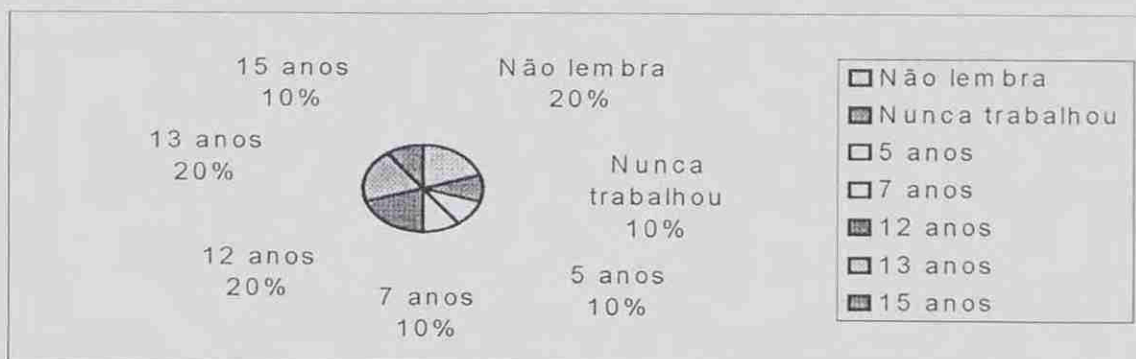
Alguns entrevistados não demonstram interesse em começar a trabalhar, eles tem como estratégia de sobrevivência a pensão do ex cônjuge, e programas/ projetos sociais em que estão inseridos.

O alto nível de desemprego é parcialmente explicado pelo grau de instrução dos entrevistados, apenas uma pessoa completou 2º grau e outra o 1º grau.



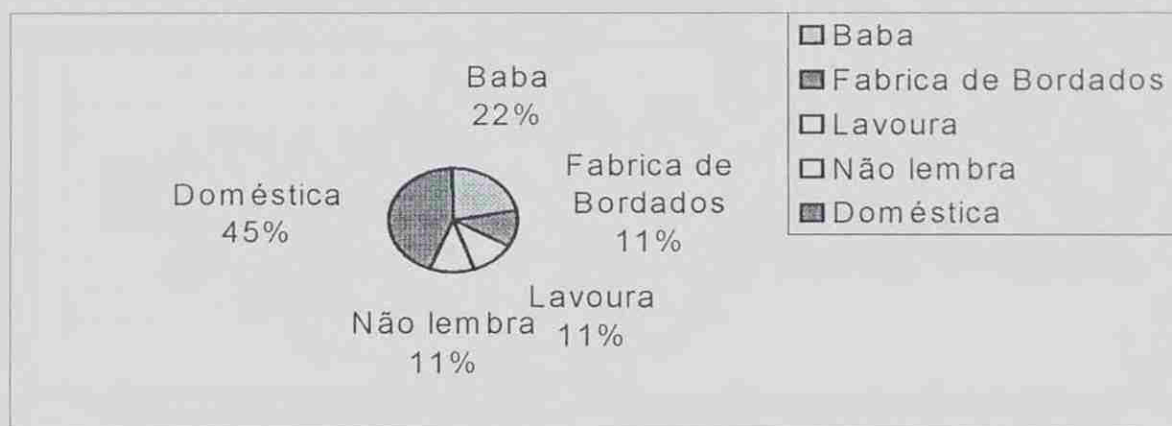
A inserção precoce no mercado de trabalho fez com que essas pessoas parassem de estudar cedo, 40% dos pesquisados não chegaram a completar o primário. O baixo grau de instrução é a maior dificuldades encontrada para arrumar emprego apontada pela pesquisa.

Segundo os depoimentos, os entrevistados paravam de estudar para trabalhar, a idade em que começaram a trabalhar é que se segue:



A necessidade de começar a trabalhar antes da conclusão do ensino básico, fez com essas pessoas não se capacitassem para o mercado de trabalho ficando sujeitas a sub empregos, ou a empregos mal remunerados.

Todos os entrevistados começaram a trabalhar precocemente, com exceção da Sra. T. . Ela exerceu apenas a função de dona de casa, e um “bico” durante dois meses como catadora de berbigão. As atividades desenvolvidas nessa época eram:



Todos os entrevistados trabalharam em vários setores, mas o maior índice é de mulheres trabalhando como domésticas. Percebe-se que os entrevistados continuam no mesmo ramo profissional, não tiveram oportunidade de se qualificar ou por falta de tempo para estudar ou pela situação financeira ou por comodismo.

A maior parte dos entrevistados possuem casa própria 70%, 20% moram em casa cedidas por parentes e 10% em casas alugada.

A renda percapta dessas famílias gera em torno de um quarto de salário mínimo a um salário. As famílias são formadas em média por 3 filhos.

A partir desses dados começaremos a analisar os dados subjetivos que surgirão na entrevista.



### 3- Conhecendo as Guerreiras: Chefes de Família

Durante a pesquisa analisou-se a família como um sistema aberto onde existe uma interação entre os membros. Cada membro desempenha uma função em relação aos outros. Cada indivíduo é um subsistema e um depende do outro para formar o sistema chamado família.

A família está inserida em um sistema maior, a sociedade. A sociedade aqui percebida como o meio em que estão inseridas as famílias pesquisadas.

Partindo deste pressuposto comentaremos as categorias que surgirão em nossa pesquisa:

- Reflexões acerca de gênero;
- o papel do ex cônjuge na dinâmica familiar;
- causas de separação;
- violências sofridas;
- dificuldade para manter a família (financeiras, questões afetivas, doenças e redes familiares);
- dificuldade encontradas no trabalho;
- conceito de família;
- Reflexões sobre a entrevista do Sr. V.

#### 4- Reflexões Acerca de Gênero

Desde pequenos aprendemos, valores inculcados pela sociedade que diferenciam os sexos, aos papéis que historicamente os homens e mulheres assumem.

*“... nenhum indivíduo existe sem relações sociais, isto desde que nasce, portanto sempre que estamos nos referindo a sexo já estamos agindo de acordo com o gênero associado daquele indivíduo com o qual estamos interagindo.” (Grossi s/d. p. 6)*

O gênero determina tudo que é social, cultural e historicamente determinado. É uma categoria historicamente determinada por uma sociedade, que não se constrói baseada apenas no sexo biológico, mas sobre as diferenças sexuais existentes.

*“Tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerado papel de gênero. Estes papéis mudam de uma cultura para outra” (Grossi s/d 7).*

Papéis aqui definidos como representação de ser homem e ser mulher, não biologicamente determinado, mas de acordo com que a sociedade em que o indivíduo está inserido, entende historicamente por ser.

O gênero não é inerente a natureza humana, uma criança não nasce sendo homem ou mulher. Ela aprende a ser, segundo a psicologia, até os 3 anos de idade, momento em que a criança passa pela fase do complexo de Édipo, quando percebe que não é apenas extensão do corpo da mãe, mas um ser único. Nesta fase a criança assimila conceitos preestabelecidos sobre a categoria social à qual pertence, e tem discernimento acerca de sua identidade de gênero, de acordo com os valores da sociedade em que está inserida.

A partir da rotulação menina ou menino, é inculcada na criança o papel que lhe será atribuído pelo resto da vida. A criança começa a ser tratada de acordo com o seu sexo e sofre influências da sociedade que já tem definido quais são os modelos de papéis estabelecidos para determinado sexo. Segundo Stoller (in GROSSI s/d. p. 9):

*“todo o indivíduo tem um núcleo de identidade gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino.”*

A identidade de gênero refere-se à masculinidade e a feminilidade inerentes as pessoas, é um comportamento motivado e preestabelecido culturalmente.

Existe um grande abismo que separa homens e mulheres, apesar de ambos fazerem parte da mesma espécie, cada cultura, independente dos fatores biológicos, elabora e impõe significados diferentes de masculino e feminino.

A cultura de determinada sociedade estabelece valores e prenoções aos gêneros. São diferenças socialmente impostas ao homem e a mulher, que definirão papéis a serem adotados, colocando mulheres e homens em universos distintos e desencadeando uma desigualdade, que se refletirá na relação homem/mulher.

As diferenças entre masculino e feminino variam de cultura para cultura, e não depende de fatores biológicos.

Devido as diferenças sexuais socialmente impostas, ocorre na espécie humana, a especificidade de tarefas, onde homens e mulheres desenvolvem tarefas de acordo com os papéis preestabelecidos.

Homens e mulheres possuem papéis definidos desde o nascimento, e a partir deles exercerão tarefas específicas, ou seja papéis apropriados para pessoas que possuem determinado sexo.

*“Esses papéis são construídos em cada cultura, de acordo com certos ideais de feminilidade e de masculinidade, ligados a um modelo de divisão sexual do trabalho.”(Buffon, 1992, p 59)*

As diferenças de gênero geram uma relação de poder, onde é possível perceber as subordinações e desigualdades existentes de um gênero sobre o outro.

Além das desigualdades existe uma relação de hierarquização, como exemplo a família nuclear patriarcal, onde a chefia cabe ao homem. Essa relação consiste em uma relação de poder entre os gêneros, gerando disputas entre masculino e feminino na relação conjugal.

*“A família entre os pobres urbanos é estruturada como um grupo hierárquico, seguindo o padrão de autoridade patriarcal, cujo princípio básico é a precedência do homem sobre a mulher, dos pais sobre os filhos e dos mais velhos sobre os mais novos”(Sarti, 1995, 136).*

De acordo com esse modelo, a organização doméstica é baseada na tradicional divisão de papéis, em que o homem é o provedor e a mulher dona de casa. O fato de homem ser provedor da casa não necessariamente implica na ausência de poder da mulher. Existe a complementaridade de autoridade correspondente a divisão da casa e da família. O homem é o chefe da família e a mulher da casa. A autoridade da mulher é doméstica, baseada no seu papel de gênero de dona – de – casa.

Nas famílias monoparentais este processo ocorre da mesma forma, apesar do rompimento dos vínculos conjugais.

*“Nos casos de mães solteiras ou separadas, embora suas unidades domésticas possam ser definidas como matrifocais, não necessariamente se altera o padrão de autoridade, consubstanciada na figura masculina, que pode ser transferida para um parente consanguíneo, pai, irmão ou filho” (Sarti, 1995, 137).*

Mesmo a mulher sendo a provedora da casa, autoridade masculina não necessariamente sofre alterações. Ela pode ser transferido do ex marido para um parente.

Historicamente as mulheres de camadas populares sempre trabalharam. Na divisão papéis da sociedade conjugal cabia ao homem o sustento da casa, e a mulher o “extra” um móvel novo, a ampliação da casa, roupas para os filhos etc.

Com o rompimento dos laços conjugais, a mulher continua trabalhando e lhe cabe agora ser a provedora do lar e a dona de casa. As mulheres estão lutando por melhoria na qualidade vida pública e privada.

A família é determinante na questão de gênero. Ela influencia e determina valores inerentes ao sexo, como ex: homem não participa das tarefas da casa e deve ser viril, a mulher cabe o papel de passiva e exemplar dona de casa.

Estes valores de cada família, são repassados as novas gerações pelas mães, na medida em que educam os filhos a partir destes princípios, é um círculo a ser quebrado, onde devemos buscar a igualdade entre os gêneros.

Em nossa pesquisa com família monoparentais percebemos fortemente esta questão de atribuições de papéis, aos homens cabe o papel de reprodutor, sem grandes responsabilidades quanto a educação e ao sustento dos filhos. E a mulher cabe o papel de provedora do lar, dona de casa e mãe, que educa da carinho e transmite valores aos filhos.



Mesmo no caso pesquisado em que o pai tem a guarda dos filhos, a ex-companheira desempenha este papel.

Sabemos das desigualdades entre gêneros, principalmente na divisão de papéis. Homens e mulheres estão lutando por seus direitos cada vez mais. Mas parece não haver espaço para o diálogo. A mulher não submete-se mais as agressões e humilhações dos maridos, e o homem em contrapartida não está preparado para esta nova mulher. Afinal culturalmente o homem é o chefe da família e a mulher a chefe da casa.

Existe a banalização do casamento, “não deu mais certo separa”, as pessoas estão casando sem estarem preparadas e principalmente não estão tendo planejamento familiar.

A liberdade sexual acabou com tabus, mas não preparou homens e mulheres para consciência sexual, de que é necessário usar métodos anticoncepcionais, em cada nova união nasce um filho. Do grupo de entrevistados 50% tiveram apenas uma união, 30% tiveram 2 uniões e 20% 3 uniões e cada nova união gerou filhos.

Segundo Cynthia A. Sarti (1995, p. 136):

*“A mulher para ser reconhecida como tal, precisa ser mãe. senão será apenas potencialidade, algo que não se completou.”*

Nos casos de separação conjugal e novas uniões, o novo marido não necessariamente ocupa o lugar masculino para os filhos de sua mulher.

Do grupo pesquisado 90% das mães tem a guarda dos filhos, dessas apenas 3 mães recebem auxílio do ex-companheiro. As outras não. A responsabilidade de sustentar e educar os filhos recai sobre a mãe. O próximo item a ser abordado é o papel do ex-cônjuge na dinâmica familiar.

## 5- O Papel do Ex- Cônjuge na Família

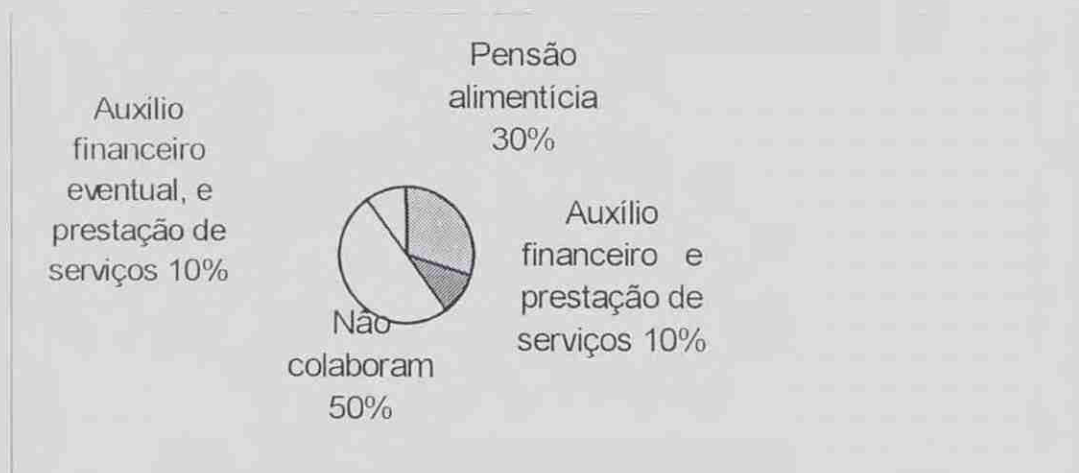
A constituição brasileira diz que homens e mulheres tem os mesmos direitos e deveres em relação aos filhos. Cabe a ambos educar, proteger e sustentar os filhos.

*“Parágrafo 5º- Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidas igualmente pelo homem e pela mulher”*(Constituição Brasileira de 1988, artigo 226, p. 97).

Teoricamente homens e mulheres tem os mesmos direitos e deveres perante a lei. No entanto esta afirmação não condiz com a realidade, os direitos e deveres não são universais.

Verificamos em nosso estudo que a responsabilização pelos filhos em decorrência de separação fica a cargo das mães.

Nos casos estudados o percentual de homens que auxiliam financeiramente é de 30%. Destes percentual apenas 10% pagam pensão independente de decisão jurídica, os outros 20% pagam em decorrência de ações judiciais.



Os processos judiciais muitas vezes são a única forma encontrada para obrigar o pai a contribuir na criação dos filhos.

*“...Toda a vez que eu falava com ele, ele dizia que não estava devendo nada... ele estava desempregado, mas mesmo assim eu continuei mexendo o processo, aí foi que prenderam ele. Agora ele está pagando todo o mês” (Sra. J.).*

O processo legal levado até o último dos recursos, é a medida encontrada por esta mãe para assegurar um direito do filho. Apenas a prisão convence o pai a contribuir com o sustento. A falta de esclarecimento de que se a pensão não for paga, pode dar cadeia, faz com alguns homens achem desnecessário pagá-la.

Em uma das entrevistas a mãe relatou que o ex companheiro quando trabalha faz algum “bico” ele ajuda financeiramente, mas quando está próximo de ela receber o ordenado da firma onde ela trabalha ele não a ajuda.

*“quando ele trabalha ele dá, mas quando está perto de eu receber o meu ordenado ele não me dá nada... eu não queria me divorciar mas como ele não me dava mais dinheiro... eu tive que ir no juiz...” (Sra. L.).*

A pensão é dada como um favor, sem compromisso pelo pai, quando ele pode ele dá um “dinheirinho”.

Esta família passou pelo processo de divórcio, onde ficou estabelecido a pensão que ex cônjuge deveria pagar mensalmente, mas esta decisão não é respeitada.

Este pai presta serviços cuidando do filho quando a mãe não tem com quem deixar. A mãe trabalha como servente em firma e em caso de falta pode ser despedida.

Os que não possuem condições financeiras propícia para darem pensão, prestam outros tipos de serviço. É o caso da ex companheira do Sr. V.

A ex companheira não possui rendimento suficiente para ficar com a guarda das crianças, ela não possui casa própria, paga aluguel e trabalha fora o dia inteiro. A noite quando sai do serviço ela vai até a casa do Sr. V e faz os serviços da casa.

Atualmente o Sr. V. esta desempregado por motivos de saúde, ele não pode trabalhar devido a um problema de coluna.

*“eu estive paralisado por 9 dias, faz coisa de 5 anos, sem me mexer e sem poder fazer nada, eu hoje não trabalho mais. A C. que está pagando tudo e me ajudando, eu vou dizer para ti, eu não sei o dia de amanhã” (Sr. V.).*

Ela desempenha as duas funções a de provedora e de dona de casa, mesmo não residindo junto a família. A Sra. C. ex companheira do Sr. V, esta cumprindo um acordo feito junto a instituição de que enquanto ela não tivesse condições financeiras de ficar com a guarda dos filhos ela prestaria serviços, para ajudar O Sr. V.

Dos entrevistados, 50% não recebem nenhum auxílio do ex companheiro de espécie alguma. Algumas mães acenam na possibilidade de entrar com um processo de pedido de pensão, outras não tem interesse por não quererem ter contato com o ex companheiro.

*“ ele nem aparece lá em casa. Nem apareceu mais, nem quero, nem para pegar, nem para passear, nem para morar, não quero ” (Sra. T.).*

Uma dessas mães é viúva, e não recebe pensão por morte, estamos encaminhando o processo.

Outra mãe deste grupo o marido esta preso e ela não recebe auxílio da família dele.

Em nenhuma das famílias entrevistadas o ex companheiro da pensão para a antiga esposa apenas para os filhos.

A questão financeira é uma das maiores dificuldades dos entrevistados para manterem suas famílias. Aliados a essa questão, está a ausência do pai, que em 50% dos casos não matem relações afetivas com os filhos.

*“nos primeiros dias ele pegava, de 15 em 15 dias, agora não pega mais. Vai fazer 2 anos, 2 anos agora em maio que nós separamos, faz um ano e meio que ele não pega mais o D” (Sra. Al.).*

Em todos os depoimentos surgem esta questão, “no começa ele pegava, agora não pega mais” (Sra. Al). Enquanto os homens ficam em uma situação confortável partindo para outras relações, as mulheres ficam sozinhas, abandonadas e amargas, lutando para manter a sobrevivência dos filhos.

Das famílias entrevistadas 30% dos casos, os pais vêem eventualmente seus filhos.

*“O E. ontem ele viu o pai, porque o pai mora perto mesmo, também ele sai de casa para procurar o pai, o filho tem que procurar o pai” (Sra. J.).*



20% vêm os pais com frequência.

*"...tem dias que ele vem pega a M., e daí fica na minha casa, só que daí a gente dorme separado, e ele leva a M. no colégio..." (Sra. A.).*

O percentual de ex- companheiros que visitam os filhos frequentemente é formado por casais separados a menos de 6 meses. E a Sra. C. cumprindo um acordo feito entre ela, a instituição e o ex- marido.

A presença do pai e da mãe é importante para o desenvolvimento da criança. Citamos aqui o caso do Sr. V.. Um dia seu filho F. ficou doente na instituição, levamos a criança ao posto de saúde e tentamos entrar em contato com o pai para ir buscar o filho. O filho ficou desesperado, não queria ver o pai. Mais tarde descobrimos que o pai o agredia e que a mãe a mais de um mês não ia visita-los.

O F. teve uma crise nervosa, e acabou nos contando que sofria agressões do pai. Contatamos o Conselho Tutelar e ficou decidido que a Sra. C. teria a guarda provisória das crianças, mas como ela não tem casa fixa e na época ela estava sem emprego, não foi possível ela manter os filhos. A situação se agravou, então resolvemos tentar fazer um acordo entre os dois. Como a Sra. C. não tinha condições financeiras de assumir os filhos ou ajudar com a pensão, ela se prontificaria a prestar serviços na casa. O acordo está sendo cumprido.

O pai nervoso com a separação e com problemas financeiros descontava no filho mais velho e não percebia os malefícios que estava causando a seus filhos.

A doença da criança era devido a falta que a mãe fazia. Para uma criança crescer saudavelmente e ter uma identidade sã, é necessário que ela conviva com os pais, mesmo após separados, para que se sinta segura. É necessário que se crie uma rotina em que o filho saiba que a cada determinado espaço de tempo ele visitará seu pai.

*"Para a criança, é necessário primeiramente reconhecer-se nos pais, e ser reconhecida por eles, para a construção de sua identidade; é necessário encontrar pessoas idênticas a elas, os semelhantes" (Corneau s/d. p.45)*

A figura do pai e da mãe para a criança é importante para que ela se reconheça e forme a sua identidade.

## 6- Causas da Separação- “Ele Começou a Arrumar Mulher na Rua e Não Escondia que Arrumava”

A separação conjugal é um processo complexo, que envolvem questões de ordem econômica e afetiva. As situações que levam um casal a separação são as mais variadas possíveis.

O processo de separação é extremamente doloroso, geralmente deixa seqüelas, onde sentimentos como frustração, rancor, magoas e outros estão presentes. Quando o processo de separação não é bem trabalhado, esses sentimentos persistem e podem agravar-se com o tempo, ficando os resquícios de uma relação mal resolvida.

Esse aspecto é bastante importante na questão dos filhos, porque muitas vezes os filhos são usados como formas de atingirem os pais.

Em nossa pesquisa verificamos que o maior índice de separações foi por infidelidade, seguida por agressões e depois morte do ex cônjuge.

A questão de gênero que abordamos anteriormente é uma das causas. As divisões desiguais e as diferenças de papéis de gênero masculino e feminino geram divergências.

A cultura da superioridade masculina que procura subjugar a mulher a força, a hierarquia familiar, a emancipação da mulher que alterou as relações familiares. Esse contexto gera disputas entre o masculino e o feminino.

As ex esposas afirmam que os homens eram muito “aprontadores”, “mulherengos” e que elas não suportaram a situação.

*“ele começou a arrumar mulher na rua e ele não escondia que arrumava mulher na rua. Até a última que ele arrumou, ele ficou com ela 3 anos, aí foi quando o V. nasceu, ele arrumou ela e continuou, eu disse se ele não ia deixar dela, ele disse que não, aí eu disse vou me separar de você. Daí ele pensou que eu estava brincando porque eu falava, falava e não fazia nada, ele pensou que eu estivesse mentindo talvez, sei lá” (Sra. L).*

A segurança masculina que, mesmo sendo traída, a mulher vai continuar casada, é explícita nesta fala. O homem assume o papel viril com várias mulheres, e a mulher deve ser submissa as suas vontades. Quando a mulher foge deste papel ele é agredida.

*“batia, se eu falasse demais, meu erro era falar demais. Quando ele estava nervoso eu devia ter um pouco mais de calma, hoje eu reconheço isso” (Sra. L.).*

Esta mulher mesmo sendo agredida em seus sentimentos e em seu corpo acha que devia ficar quieta, não contrariar o marido para não apanhar. Esta prática de submissão faz com muitas mulheres sujeitam-se a esta situação por não terem como se sustentar.

*“Porque ele me maltratava muito, eu tenho marcas no meu corpo de agressões, que não saíram mais. Ele era alcoólatra, é ainda, não quer fazer tratamento” (Sra. B.).*

Com a emancipação feminina, a mulher começa a trabalhar fora de casa, e pode se sustentar. Esse fator faz com que as mulheres não mais se sujeitem a esta situação de agressões.

Essas desigualdades, aliadas a fragilidade da relação e do contexto familiar, podem acarretar a separação conjugal.

Em um caso pesquisado a causa separação foi a morte devido ao HIV de um dos cônjuges.

As conseqüências da separação são diferentes para homens e mulheres, enquanto as mulheres ficam com a guarda dos filhos, lutando para dar o sustento. Muitas vezes tendo que implorar ao ex- companheiro para que este lhe auxilie na manutenção da casa e no cuidado dos filhos.

*“Quando o M. fica doente, assim quando da aquele negócio nele, de diarreia e vomito, ele não tem nem como caminhar... Uma vez eu liguei para ele quase chorando no telefone, eu disse para ele que não tinha dinheiro nem para o ônibus. Ele assim: chama a polícia, vai de pé...” (Sra. J.).*

A mulher fica sozinha no cuidado dos filhos, do grupo pesquisado apenas dois entrevistados relataram não ter problemas em compartilhar com o ex cônjuge a divisão do sustento e educação dos filhos.

O sentimento de abandono por parte do ex companheiro, de se sentirem sozinhas na manutenção de suas famílias, causa amargura e carência afetiva.

A separação traz várias conseqüências, sendo uma delas a solidão, devido o rompimento com o vínculo conjugal. A falta de um marido, companheiro, e amante, faz a mulher se sentir vazia e abandonada.

*“Só eu ele e a minha filha. A única coisa que eu tenho na vida é a minha filha, porque ela é a única coisa que, ela me ajuda, quando é para chorar eu choro no colo dela, também sabe. Então a única amiga que eu tenho mesmo para sobreviver, é a minha filha. Nossa ela é uma menina tão legal, que as vezes eu olho, e sei lá.” (Sra. A.).*

O apego exagerado de mãe para filha, é uma forma da mãe compensar outras carências, pela ausência do marido.

A mulher tem que assumir um papel do ex companheiro dentro de casa, as tarefas tidas como pertencentes ao universo masculino, que antes ela não estava acostumada.

*“Há, é difícil porque as vezes também desde uma manutenção em casa, as vezes estoura um cano de água, não tem um homem para arrumar, é difícil não é fácil. Há é super difícil para mim, no início assim foi uma barra, mas agora está assim mais, porque tem que se acostumar com tudo né” (Sra. L.).*

A mulher que fica com os filhos assume todas as funções referentes a manutenção da família. O homem em nossa pesquisa não assume grandes responsabilidades. Em 50% dos casos a contribuição masculina é inexistente.



## 7- Violências Sofridas Pelas Mulheres – “Eu Sofria, Apanhava e Ficava com Ele por Medo de Denunciar”

A violência contra mulheres assume diversas formas, e não tem classe social. Segundo o relatório de Desenvolvimento Humano, publicado anualmente pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD):

*“em nenhuma sociedade as mulheres estão seguras ou são tratadas iguais aos homens. A insegurança pessoal as persegue do berço ao túmulo. Da infância a idade adulta, são violentadas devido a seu gênero.”*

Existem mecanismos que procuram coibir a violência contra a mulher, delegacias de polícia especializadas, projetos/programas dirigidos a esta demanda. No entanto é necessário mudar o comportamento da sociedade, instruindo as pessoas a denunciar, e não ser cúmplices de uma situação de violência.

O mais importante é educar as crianças e adolescentes a respeitar o gênero oposto ao seu, minimizando as diferenças e desigualdades. Excluindo a violência como método para resolução de problemas e demonstração de poder.

A violência doméstica contra a mulher é um aspecto cultural, político, jurídico e policial.

As causas da violência podem ser geradas por drogas, desemprego, alcoolismo, exclusão social etc. Determinar as causas da violência é complexo.

*“Mais tarde eu fui descobrir que ele era usuário de drogas, da maconha” (Sra. B.).*

A agressão física geralmente vem acompanhada pela tortura psicológica. O medo de não conseguir sustentar a si e aos filhos, a dependência econômica, a ameaça da perda da guarda dos filhos ou de ver a integridade dos filhos ameaçados, faz com que muitas mulheres suportem esta violência.

*“Eu sofria, apanhava e ficava com ele por medo de denunciar. Mas denunciei, porque ele me judiava muito, dizia que ia me matar se eu denunciasse ele, mas eu fiquei”*

*com muito medo quando ele tentou desatarraxar o bujão para tocar fogo. Bujão estava cheio, daí denunciei perante a polícia, só que ele ficou só uma noite, depois soltaram ele, aí eu tive que cair fora, fiquei com medo dele (Sra. B.).*

O medo de morrer fez com que essa mulher desse um basta na situação de violência. Após anos de submissão e terror psicológico ela conseguiu romper o ciclo e se libertar. Só que esta liberdade custou caro, ela e os filhos tiveram que abandonar o lar.

Neste depoimento percebemos a impunidade e o descaso que são tratados os casos de violência contra mulher. Ela foi ameaçada de morte, agredida fisicamente, e o agressor foi solto após uma noite na cadeia.

O agressor ficou livre e ela teve que fugir com os filhos para não morrer.

A mistura do clima de arrependimento e afeição, faz com que mulheres acreditem que o marido vai parar com as agressões, este é o caso da Sra. E.

*“Ele batia em mim, mas aí depois vieram os meninos, daí ele batia menos, ficou mais calmo, ele batia menos. Só que agora não porque ele está lá, né. Mais tem que ver quando ele sair, ele disse que não vai bater mais. Mas não adianta só dizer que não, tem que parar. É porque ele não arrumava serviço, daí ele ficava nervoso.”*

Esta mãe acha que a violência do marido é apenas uma fase ruim, que vai passar quando ele sair da cadeia e arrumar um emprego. Existe a crença de que é possível resolver a questão dentro do próprio conflito, não existe a percepção de que a violência é uma doença social e deve ser tratada.

A violência contra mulher muitas vezes vem acompanhada pela violência contra as crianças. No caso da Sra. J, ela já possuía um filho de uma união anterior, e o novo companheiro não aceitava a criança.

*“Ele me batia por qualquer coisa, e espancava o M., porque ele tinha ciúme, ele dizia que gostava do M. mas quando eu saía de casa para trabalhar ele batia nele, e ameaçava ele se ele me contasse. Teve uma vez que eu cheguei... fui no banheiro o M. todo ensanguentado, sai com ele pelado, só enrolado na toalha morro abaixo...no hospital eu tive que explicar o que aconteceu...o M. tem uma cicatriz até hoje.”*

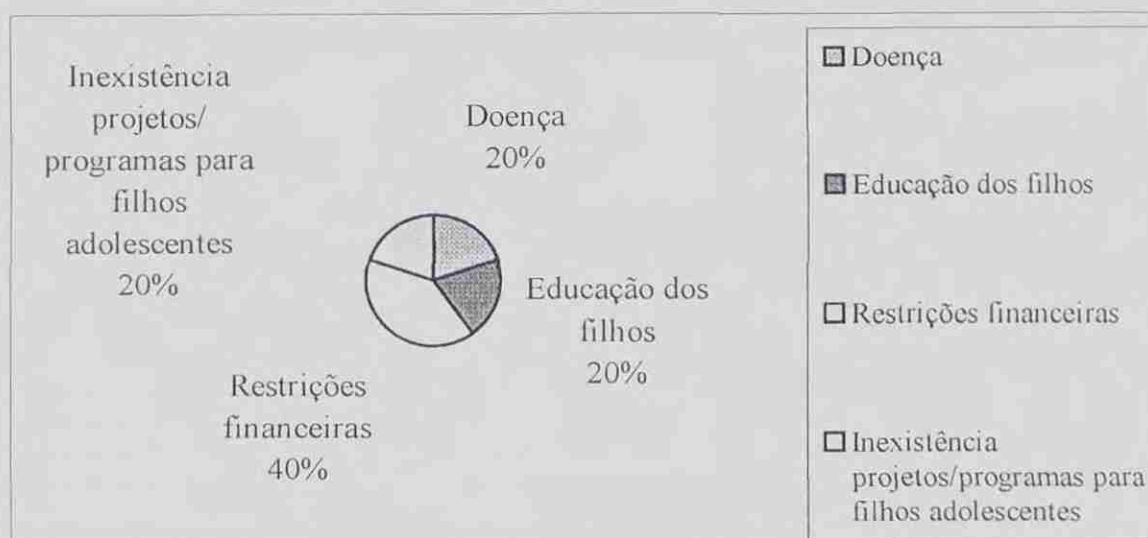
Romper com o círculo de violência não é uma tarefa fácil, a vítima se encontra debilitada fisicamente emocionalmente. A auto estima dessas mulheres é mínima, porque acompanhada da violência vem as ofensas as humilhações.

*“Ele incomoda muito de vez em quando ele vai lá , bate na casa da B., agora ele parou, só vem embriagado, para me esculachar me chamar de velha, ele me menospreza muito. Mas ajudar os filhos que é bom, nadinha. Eu estou pensando em colocar ele perante a justiça, que não é fácil” (Sra. B.).*

A violência psicológica é a mais sutil das violências, as humilhações, o desrespeito, causam depressão, ansiedade e até doenças somáticas. Muitas mulheres adoecem a partir da violência sofrida em casa e não sabem ser esta a causa.

## 8- Principais Dificuldades em Relação à Família

Segundo os entrevistados os fatores que julgam interferir no relacionamento familiar, são os seguintes.





### 8.1. Doenças

As doenças apresentadas são: problema intestinal de uma criança, visão prejudicada, problemas dentários, surdez, coluna, HIV e problemas cardíacos.

Um sério problema levantado é de uma criança que tem problema de intestino, falta um pedaço, ele não controla as fezes e evacua na roupa. O tratamento é oferecido pelo SUS, mas a mãe tem que passar pelo posto de saúde e ser encaminhada para o Hospital Infantil.

*"É o C. nasceu aqui na Carmela Dutra, com um problema até sério demais, que é problema do intestino e ele tem sopro. Tem que ver se resolve fazer uma cirurgia, eu passo muito problema com ele, porque ele sente dores horríveis. Eu quero fazer um tratamento bom para o meu filho" (Sra. B.).*

Percebe-se uma dicotomia entre o discurso da mãe e a prática, verificada pelo comodismo da mãe em relação a doença do filho. Esta mãe possui dois problemas: problemas dentários e oftalmológico:

*"Eu levei o meu menino para fazer um curativo no joelho na semana passada, e tinha uma senhora esperando dentista, a outra menina do balcão estava dizendo que a dentista não se encontrava, nem ia se encontrar nesse dia. Não tem um dia certo para encontrar dentista ali no posto, tem que arrumar outro jeito" (Sra. B.).*

O ineficiente sistema de saúde limita o acesso aos usuários. Os usuários não são respeitados, não existe um cronograma de atendimento, dizendo que tal dia haverá médico de tal especialidade, para os usuários agendarem consulta.

Problemas de saúde podem trazer limitações, é o caso da Sra. T. que é parcialmente surda. Esse problema lhe dificulta na hora de arrumar emprego.

O Sr. V. tem um problema de coluna que o impede de levantar peso e conseqüentemente de trabalhar.

*"...porque hoje eu não faço nada esse é o único serviço que eu faço em casa, é nada. Eu não posso ficar em pé 10 minutos, que eu tenho problema na coluna" (Sr. V.).*

O Sr. V. é aposentado pela polícia por invalidez, ele tem acesso por ter sido funcionário público, há um convênio de saúde oferecido pelo Estado. No entanto a sua

aposentadoria de um salário mínimo é 50% consumida pelos gastos médicos decorrentes do plano de saúde.

Em nosso grupo pesquisado, em uma família mãe e filha são portadoras do vírus HIV. Ambas fazem tratamento gratuito oferecido pelo Estado.

*"...o meu exame de 4 meses atrás deu indetectável, está a baixo de 80. Então quer dizer, abaixo de 80 o médico explicou, fica indetectável, não aparece. Agora fiz outro exame a três semanas, meu médico é agora dia 6. O da minha filha está um pouquinho alto, porque eles demoraram para fazer exame dar remédio para ela. Faz só 6 meses que ela está tomando remédio, eu já faz um ano" (Sra. I.).*

O HIV quando tratado através dos coquetéis não evolui. Os coquetéis impedem a evolução da doença. Quando não tratado ele baixa a imunidade do portador.

*"mas eu fiquei três meses parada, porque eu não tinha condições de trabalhar depois que ele morreu, eu peguei uma infecção no hospital, que eu ia lá no hospital com ele, então eu peguei daqui para baixo, do joelho para baixo ficou enorme, meus pés eu não podia nem colocar os pés no chão, e as minhas mãos também, as minhas 2 mãos, então eu não pude mais trabalhar" (Sra. I.).*

A partir do momento que o portador descobre que esta com o vírus ele deve iniciar o tratamento, para controlar a doença.

Em um dos casos estudados, uma mãe sofre de problemas cardíacos.

## 8.2. Educação dos Filhos

A ausência de um dos pais na educação dos filhos, traz conseqüências no relacionamento familiar, pois a presença de ambos é necessário para a formação da criança.

Educar é inculcar valores há um filho, sendo difícil para um cônjuge apenas.

*"Porque é droga, é crime, e a gente tem filho homem não é só mulher, tem o M. também" (Sra. M.).*

Neste caso a família mora próximo a um ponto de tráfico. A grande preocupação da mãe é que o filho entre em contato com o mundo.

O conflito de geração de mães e filhas que não se entendem. A filha foge de casa a mãe sai desesperada atrás.

*"Soubesse que ela andou fugindo, né?... Lá para o Ribeirão, mais a C. e uma prima dela. Eu fui atrás, me apavorei, quase me acabei porque fiquei de cama da gripe que me deu. Eu fui buscar ela de a pé com aquela chuvarada que deu, descalça coisa que eu tenho até vergonha. Não olhava para ninguém, me mandei, encontrei elas num orelhão. A G. quando deu de cara comigo correu pelo Rio Tavares todinho, eu correndo atrás, não vi mais ela, nem na Costeira nem no Rio Tavares. Daí eu disse ela foi na casa da B., fui na casa da B. ela não estava. Olhei para cima e disse, seja o que Deus quiser, e fui me embora. Procurar eu fui, aí fui para casa... Daí eu disse assim para ela, que ver, ela acha ruim comigo, diz a porque a mãe julga mal. Não é julgar mal, eu digo para ela G. tu só tem 13 anos G., tá ficando mocinha, não pode fazer isso, o que tu quer" (Sra. T.).*

A mãe não consegue estabelecer limites para a filha. Não existe uma relação de companheirismo e confiança entre mãe e filha.

*"Ela não fala comigo porque quando ela estava namorando esse rapaz, eu dei um tapa na cara dela. Coisa que ela nunca apanhou, ela tem 14 anos e nunca apanhou, dei um tapa na cara dela, que ela... de uma coisa que eu não gostei dei um tapa. Tu vê, que elas chamaram a polícia e tudo para mim..., eu peguei e disse mesmo: a filha é minha, quem dá o pão e o ensino quem sustenta sou eu, e ninguém tem nada a ver com isso. Foram dizer que eu tinha machucado toda ela. O policial disse que ela não tinha lesão nenhuma, um tapa na cara vai dar lesão" (Sra. Al.).*

Violência gera violência, a falta de diálogo, compreensão na família, faz mãe e filha não se falarem mais.

Na educação dos filhos as redes familiares de solidariedade são importantes para dar suporte a mãe que trabalha fora.

*“Um que me da força, a minha mãe não, se ela estivesse viva até ela me ajudava, eu teria bastante força, mas como ela se foi. Agora um que me da força é o meu irmão, que a minha cunhada cuida da minha menina quando ela não está na creche, agora também ela esta trabalhando, vai ficar mais apertado para ela. Quando não tem creche a minha cunhada passava la e pegava ela ou então eu levo ela para o trabalho. Então o único que me da uma força é o meu irmão, da minha família mesmo, só ele. É o único que se eu pedir ele não vai dizer não, agora se for contar com os outros” (Sra. J.).*



### 8.3 Restrições Financeiras

Em 25% das famílias a maior dificuldade encontrada para manter a família é a restrição financeira, ou seja, renda familiar insuficiente para suprir as necessidades básicas da família

A restrição financeira engloba: falta de dinheiro para comida, contas de luz a pagar e necessidade de ter uma casa própria.

*"É difícil a gente não ter um pão para dar para os filhos" (Sra. I.).*

A falta de dinheiro para a alimentação, leva a mãe ao desespero.

*"Que as vezes quando a gente está apertado na casa da B., que tem dia que falta até pão, as vezes o rapaz da padaria me dava uns pães de 3 ou 4 dias, mas não dão mais porque eles estão fazendo farinha de rosca, daí ajudava" (Sra. B.).*

Uma das estratégias de sobrevivência para driblar a falta de dinheiro é a mendicância. Quando não há possibilidade de comprar comida, a mãe pede.

A renda familiar não é suficiente para suprir os gastos de uma casa.

*"Sei lá o que houve, eu estava pagando a luz todo mês, não sei o que houve. Faz um ano a conta de luz, agora que foram lá em casa viram o relógio. Ai eu fui lá, ela olhou no computador tem 500 e poucos reais para pagar. Até o dia 15 eu tenho que dar R\$ 100, tá, se não eles cortam a luz. É ela fez em 6 vezes em parcela, tem que pagar 65 e uns quebrados, fora tudo o que eu gastasse, tudo nas minhas costas, tu não sabe como é que eu ando. Quem olha assim pensa que , credo" (Sra. Al.).*

Para uma mulher sozinha, que recebe meio salário mínimo de pensão para sustentar a casa, é um custo muito alto este valor.

*"...eu tento de um baraquinho fazer um castelo. Tento arrumar do jeito que eu posso, ele não para porque está muito danificado. A gente está num quartinho pequeno, que eu paro na casinha dela. Eu paro num quartinho com meus 2 filhos, ela dorme no maior com as crianças dela e o marido. Lá é assim 2 quartinhos, a salinha, a cozinha e o banheirinho" (Sra. B.).*

Neste caso, a mãe mora de favor na casa da filha mais velha. A mãe não tem condições de alugar uma casa para ela e seus filhos menores. A questão da pobreza

reflete diretamente no convívio familiar. A Sra. B. se sente humilhada por estar sendo sustentada pelo genro, e existe a cobrança para que ela contribua no sustento da casa.

*“A maior dificuldade, acho que eu me vejo assim, eu estou desempregada, e ele também não ganha muito, o marido da B. E as vezes eu acho assim, que de vez em quando discutindo, eu não discuto, nunca discuti, mas ela é muito autoritária, as vezes eu como aquele prafinho, eu sei que foi ele que colocou, não por ele ter hotado, e que a família desse meu genro, as irmãs tudo, já jogou na minha cara que ele sustenta eu, sustenta meus filhos.”*

A impotência de poder de ter o seu próprio espaço, e cobrança para que ela ajude financeiramente o sustento da casa, faz com essa mãe seja discriminada pela família do genro.

#### 8.4. Ausência de Projetos/Programas para Filhos Adolescentes.

A inexistência de projetos/programas que atendam adolescentes carentes na faixa de 14 aos 16 anos, gera problemas para as famílias.

*“Porque ela fica solta por aí na rua, não tem nada para fazer” (Sra. T.).*

O adolescente que estava participando de um projeto, como o CEC, e devido a idade é excluído, sente-se deslocado sem ter atividades no período extra escolar. Desta forma ele procura preencher seu tempo com colegas na rua.

Nesta faixa etária, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente o trabalho é proibido.

O adolescente não pode trabalhar, pois se caracteriza trabalho infantil e não se encaixa em nenhum programa oferecido na cidade. É uma fase em que o adolescente fica sem opções de atividades.

*“Se tivesse algum lugar para elas arrumar um empreguinho, que defendessem o delas, para mim não me preocupar mais com o sustento delas.”*

A cultura de nossa sociedade é de que adolescente deve começar a trabalhar cedo, porque está foi a realidade vivenciada por estas mães na juventude, portanto elas acham correto educar os seus filhos da mesma forma.

## 9. Dificuldade Relacionada ao Trabalho- “Porque é Assim se Reclamar um Monte, Vai Para a Rua”.

Em nossa trabalho surgem 3 categorias referentes a dificuldades encontradas na relação empregador e empregado.

- Assédio sexual;
- Discriminação;
- Exploração.

Embora as mulheres venham obtendo no mundo inteiro conquistas referentes ao seu gênero, existem comportamentos sociais que agredem a dignidade da mulher. A questão trabalhista de gênero, o assédio sexual, definido aqui como:

*“Todo o tipo de importunação ofensiva ao pudor e à tranqüilidade de outrem, homem ou mulher, com a finalidade de obter vantagem sexual, implicando em dano ao ambiente de trabalho, à evolução na carreira profissional ou à eficiência do serviço”*(Cony, 1997, 19).

Foi aprovado no Congresso Nacional um projeto que coibe o assédio sexual, que protege a vítima de assedio sexual, e pune quem a pratica.

O assédio sexual fere a mulher em sua feminilidade, e na liberdade de escolher com quem ela deseja se relacionar e trocar caricias.

*“Eu entrei no banheiro, para limpar o banheiro. Porque tem um banheiro só dos homens lá, e daí um cara chegou e me agarrou lá no banheiro... ainda bem que chegou alguém atrás, ele ficou todo sem jeito, e foi embora”*(Sra. L.).

A possibilidade de o assédio sexual evoluir para a violência sexual existe.

*“Eu tenho sofrido muito lá, porque lá, naquele emprego lá, porque o pessoal, porque tem uma ala só de homem, trabalha só homem, e isso porque eu não falo para ninguém que sou separada. Porque tem lugar assim, que eu trabalho com firma à 6 meses, mas eu não falo para ninguém que sou separada. Porque lá no meu trabalho se eu falar para alguém que sou separada...eles acham assim, eu não sei qual a*



*mentalidade deles... Eu acho assim, porque tu é servente, tu tem que ser prostituta, ou sei lá, eu não sei o que passa na cabeça deles” (Sra. L.).*

A discriminação pela mulher estar em situação subalterna, faz com os homens, segundo a entrevistada seja objeto sexual inanimado, que está no ambiente de trabalho para lhe servir de todas as formas.

Inquirimos a Sra. L. se ela entrou em contato com a firma à que ela presta serviços, para tomar alguma providência. A resposta dela é seguinte:

*“Olha, quando nós, foi para a empresa me contratar tem uma psicóloga, que faz uma entrevista com a gente, eles só perguntam tipo alguma coisa sobre a vida da gente, mas eles não me deram nada, não falaram nada sobre isso, comigo não me falaram nada... porque essa empresa, ela assim, se eu acho, se o servente reclamar um monte, vai para a rua.”*

Embora seja o assédio sexual uma questão trabalhista, que possui regulamentação, as empresas que tem este tipo de problema com seus funcionários preferem demitir à proteger. As pessoas que sofrem esse tipo de abuso não tem clareza de seus direitos. Elas suportam, e tentam coibir o assédio da maneira que acham possível, na tentativa de manter o emprego.

*“É difícil porque lá no meu trabalho, a servente não tem o direito de reclamar. Porque eu percebi sabe, a servente não tem o direito de reclamar de nada. Até esses dias eu fui reclamar alguma coisa por assim por cima né, de os homens que trabalham lá, que ficam soltando piadinha ficavam soltando piadinha e tal que quando eu ia limpar lá. Inclusive agora eu só vou limpar quando não tem ninguém, aí a secretária até hoje estava falando que, ela pensou que eu não estava ouvindo, ela falou que eu to reclamando muito dos homens lá de traz, ela disse, falou para o engenheiro que tinha lá, então que a servente também não tem direito de reclamar de nada né?” (Sra. L.).*

A instabilidade no emprego faz com que essas mulheres aceitem as humilhações caladas. Outro fator importante no relato da Sra. L. e a exploração Capital/ Trabalho. Essa exploração é gerada pelos baixos salários, pela falta de apoio ao funcionário.

O alto nível de desemprego gera mão excedente de trabalho, quando um funcionário não esta satisfeito, ele imediatamente é substituído por outro.

A Sra. L. trabalha em uma firma terceirizada. A firma oferece apenas um benefício, o vale transporte, e o salário gira em torno de R\$ 200,00 por 8 hs. diárias trabalhadas.

Outra questão levantada é a o da discriminação pelo virus do HIV.

*“E quando meu patrão soube, que o meu marido morreu daquilo, e eu também tinha e a minha filha, porque quando eu ia trabalhar lá eu levava a minha filha, então ele não queria mais que eu voltasse, foi muito ruim para mim, foi de mais para mim, eu comia com eles, ele não queria nem mais que eu lavasse a roupa dele, nem fazia mais comida para eles, e eu faço comida tudo, foi difícil, ele foi a médico, foi a assistente social, foi a tudo, para ver que não era o que ele estava pensando” (Sra. 1.).*

O HIV é uma doença que no momento ainda não foi encontrada a cura, o medo por parte de pessoas menos instruídas sobre as formas de contaminação, é retratado através do preconceito, do não querer ter contato com o portador do vírus.

*“Esclarecer, porque ele não sabia, porque olha eu fazia comida para eles, passava a roupa dele, e eu também não sabia porque para mim era novo, porque foi um choque quando eu soube que eu tinha. 16 anos casada, eu ia saber que eu ia ter, meu marido, então a gente não vai se prevenir com marido” (Sra. 1.).*

O esclarecimento sobre as formas de contágio é o único meio de acabar com o preconceito e a discriminação. A partir do momento em que o empregador se dispôs a buscar informações, ele para de discriminar o portador

## 10. Considerações Sobre a Entrevista com o Sr. V.

O Sr. V. foi o único homem a ser entrevistado. Percebemos em seu relato que as questões de gênero estão fortemente presentes.

Apesar de o Sr. V. estar separado da sua ex companheira, é ela que assume todas as funções da casa e de provedora do lar.

*“ela vai todos os dias fazer uma arrumação da casa, quando ela sai do serviço dela, mas ela está morando ainda na casa daquele cara. Porque ela engana ele, ela diz que não está comigo, mas está. Ele quer ter ela, mas ela só está enrolando ele até conseguir outro lugar.”*

O Sr. V. tem esperanças de reatar o relacionamento, então cria estratégias para manter a ex companheira no convívio do lar diariamente.

*“porque ela vem todos os dias, ela arruma a casa, lava a roupa essas coisas, nós já passamos por necessidades, estou com necessidades, mas o pouco que ela ganha, que ela pode ela deixa lá para comprar as coisas para os filhos.”*

A Sra. C. ex- companheira do Sr. V. fez um acordo que enquanto ela não estivesse em condições de assumir a guarda das crianças ela ajudaria o ex- marido.

Uma das estratégias que percebemos do Sr. V. é a doença, ele não podendo mais trabalhar quem proverá o sustento da família é a Sra. C., porque ela não deixaria os filhos passando necessidade. Desta forma a Sra. C. não tem como economizar para construir a sua própria casa e ter a guarda dos filhos.

*“Eu carreguei muito peso, comecei a trabalhar muito cedo na minha vida. Então hoje a minha coluna não me deixa. Quando eu carregava aqueles balaios cheio de pão, de rosca, essas coisas todas.”*

Desde o momento em que procurou a instituição O Sr. V. sempre trabalhou, mas a partir do momento em que o acordo foi feito ele se acomodou e espera que a ex mulher resolva os problemas financeiros da casa e as tarefas do lar. Percebe-se que ele está fazendo um teste com a ex companheira para ver se ela suporta a pressão que ele suportou por um ano, período em que a ex companheira não o ajudava.

## 11. Conceito de Família- O que Eu Entendo por Família? Como Assim?

Ao longo dos tempos os conceitos sobre família vão se modificando. É necessário entender o momento pelo qual cada família está passando. Em nosso trabalho abordamos o tema Famílias Monoparentais, que são formadas pelo pai ou mãe com filhos e sem o cônjuge.

De um grupo de dez famílias pesquisadas 9 são mulheres e um homem. Todos os entrevistados são separados, com exceção da Sra. I. que é viúva.

Durante as entrevistas foi abordado a questão: o que você entende por família, se fosse para você explicar a alguém a sua família, o que você diria?

Todos os entrevistados mostraram-se surpresos com a pergunta. Eles não estão acostumados a refletir sobre esta temática. Eles participam da dinâmica familiar, são os chefes da casa, acumulam funções, mas não conseguem transmitir em palavras o que praticam. No decorrer das entrevistas vários conceitos de família surgiram são eles: importância da família na educação dos filhos, hipocrisia familiar, união, saber se relacionar, o cuidado com marido e filho.

Segundo uma mãe:

*"A família é muito importante, para os filhos claro. O V. ficou assim meio deslocado, porque é muito difícil para um filho pequeno se criar sem o pai numa casa, só com a mãe. Mais tarde ele vai sofrer discriminação porque não tem pai... tomará que o V. nunca escute alguém falar isso para ele, ele vai ficar muito triste" (Sra. L.)*

Para esta mãe a família é importante na formação da educação e na segurança do filho. A grande preocupação dela é com o estigma que o filho pode vir a sofrer pela separação dos pais.

Outro questionamento que a Sra. L. faz é sobre a hipocrisia de se manter um casamento em que os cônjuges já perderam o respeito um pelo outro.

*"Apesar que as vezes as pessoas mantêm a família só por aparência. Tem homem que é um perigo, as vezes tem 2 ou 3 mulheres na rua e a família em casa. Eles não deixam da família em casa."*

Ela questiona se é válido manter um relacionamento por aparência. Até que ponto é melhor continuar uma relação falida e não saudável, pois não existe o respeito



entre marido e mulher. É válido manter um casamento por aparência ou não? Até que ponto é positivo para os filhos?

Várias mães colocaram como conceito de família a união entre os membros. Em famílias que se consideram fora do padrão desejável, a união entre o grupo é altamente desejado. Para a Sra. Al. A família deve ser:

*“A família é aqueles que vivem todos unidos, tá, só que a minha família não vive, não são unidos... essa minha filha de 15 anos, não fala comigo, a R., essa com 20 anos que mora no meu cercado não fala comigo”*

Os problemas familiares pendentes, as discussões sem respeito ao outro, afastam os familiares uns dos outros e gera a discórdia; esses fatores exemplificam a ausência de sentimento de grupo. Na relação entre membros de uma família é imprescindível que haja afeto e compreensão.

*“a porque eu acho que não é unida. Porque devia de os irmãos se unirem não ter briga, um não virar a cara para o outro, se unirem”*(Sra. T.).

Esse ideal de família unida aparece nos discursos como sendo algo desejável, no momento não possível, mas almejado. A maioria dos entrevistados desejam uma família oposta a sua. Algumas famílias conseguem estabelecer ligação entre o ideal e a prática.

*“O que eu entendo por família, como assim? Agora tu me pegasse! O que eu entendo por família, é como eu estou mantendo meus filhos, entendo que seja assim. Todos juntos numa paz, que tem que ter paz, entendo que seja assim”* (Sra. J.).

A paz e a união são qualidades para se ter uma família feliz e saudável. Para outros esta paz e união ainda não foi encontrada.

Segundo a Sra. M., a relação de convivência é essencial na relação familiar

*“A, é muito complicado, tem que saber conviver com a família. Tem que saber viver porque sem saber viver, é difícil.”*

Para a Sra. A. a noção de família ideal é a nuclear com papéis definidos, pai, mãe e filho. Cada um se dedicando ao outro.

*“Eu acho assim que família é ter um marido, uma filha e se dedicar. Eu me dedico a minha família, a essas duas pessoas, só que agora eu não posso me dedicar ao meu marido porque ele não está junto comigo, mas quando a gente voltar junto eu acho que eu dedicava nele e na minha filha. Porque a única coisa que eu tenho no mundo é ela, eu poderia ter os dois, mas só que agora eu só tenho a minha filha, então eu me dedico nela. Eu gosto disso, eu gosto de ser mãe, eu gosto assim de ser uma dona de casa.”*

Esta noção nos remete a questão de gênero, com papéis definidos. O papel que cabe a entrevistada é o da mãe devotada e boa dona de casa.

Já para a Sra. E.

*“a minha família, são os meus filhos. São tudo para mim.”*

A família restringe-se a ela e aos filhos, ao núcleo familiar presente. A vida desta mãe resume-se aos filhos. A carência emocional devido ao fato de o marido estar preso, faz com que ela dedique todas as suas forças aos filhos.

Cada pessoa possui um ideal de família a ser atingido, para alguns esse ideal já é presente, para outros existe um caminho a ser seguido para atingir a meta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guisa de conclusão, serão tecidas algumas considerações, nas quais tentaremos ressaltar alguns aspectos significativos sobre a concepção de Famílias Monoparentais.

Estamos vivendo um momento de reformulação de papéis e de redefinição dos conceitos de gênero masculino e feminino.

A partir da pesquisa realizada junto aos chefes de família que são atendidos pelo Centro de Educação Complementar, conseguimos vislumbrar que as mulheres estão ampliando seu espaço no seio familiar.

Na maioria dos casos o papel da mãe como chefe de família é de suma importância para a manutenção da mesma, nas relações mãe e filho e como provedora do lar, além de seu histórico papel de dona de casa.

Percebemos no entanto que a figura masculina está seriamente abalada, o homem na maioria dos casos não exerce efetivamente sua paternidade. Os homens desde meninos são educados à reprimir seus sentimentos, o que lhes impede de demonstrar o que sentem em relação aos filhos e estabelecer um relacionamento.

A fragmentação das famílias pelas separações conjugais, dilui os papéis atribuídos a um e a outro gênero. A autoridade masculina na família necessariamente não é alterada com a separação, ela é transferida para outras pessoas do mesmo sexo da rede familiar.

A grande maioria das chefes de família entrevistadas não contam com auxílio do ex-companheiro, e em geral não tem conhecimento dos direitos referentes a pensão e a divisão de bens.

A família que está passando por pressão excessiva ou seja pelo rompimento de laços conjugais, ou por dificuldades financeiras, entre outros, está em dificuldades para manter sua integridade.

O papel do Serviço Social neste contexto é a orientação quanto os direitos de cada usuário.

As famílias que estão passando pelo processo de separação, estão a tal ponto envolvidas no conflito, que muitas vezes é necessário a atuação de um profissional que promova o aconselhamento e mediação, para minimizar as divergências entre os membros.

O Serviço Social neste contexto deve promover o aconselhamento e fortalecer os laços de solidariedade entre os envolvidos no processo de separação, e quando necessário encaminhar a órgãos específicos de acordo com a demanda dos usuários.

É necessário focar a prática na perspectiva de mediação, para que as pessoas envolvidas tenham real clareza de seus direitos e obrigações, e oportunizar aos familiares melhores condições de organização e melhoria da qualidade de vida, para que ambos os cônjuges dêem procedimento as suas vidas de forma saudável.

É necessário construirmos uma sociedade mais solidária para que homens e mulheres ao entrar em processo de separação, pensem no bem estar de seus filhos, e no quanto é importante a presença do pai e da mãe para o desenvolvimento saudável e feliz dos filhos.

É desafio da sociedade educar a nova geração de crianças e adolescentes para minimizar as diferenças de gênero, para que homens e mulheres no futuro tenham igualdade de direitos e deveres efetivamente cumpridos e respeitados.

É preciso educar homens para que sejam mais afetivos, e aprendam a amar e demonstrar seus sentimentos em relação aos filhos, e a respeitar o gênero feminino. Educar as mulheres para que tenham consciência que tem o mesmo potencial que os homens, e que são iguais a eles. Desta forma fazer com que ambos os gêneros masculino e feminino percebam que são complementares, e que na estrutura familiar devem caminhar juntos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, Alcione Carminati & LUIZ, Dione Terezinha & MEDEIROS, Marion **O plano de integração de menores a comunidade no âmbito da Prefeitura Municipal de Florianópolis.** 1980

Constituição da República Federativa do Brasil. 1988.

CONY, Jussara. Contra o assédio sexual. **Presença de Mulher**, ed. 30.1997.

Lei N ° 8.069/90- Estatuto da Criança e do Adolescente.

GODINHO, Josiele Patricia. **A singularidade das famílias atendidas pelo Centro de Educação Complementar do Itacorubi.** 1993.

GROSSI, Mirian Pilar. **Identidade de gênero e sexualidade.** Antropologia em 1ª mão, nº 24. Florianópolis, UFSC. s/d.

KALOUSTIAN, Silvio Manoug. **A família brasileira a base de tudo.** São Paulo: Editora Nova Cortes, 1994.

KISNERMAN, Natalio. **Serviço Social de grupo.** 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão Social e a nova desigualdade.** São Paulo: Editora Paulus, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 13. ed. Rio de Janeiro: vozes, 1993. P. 21 e 22.

MIOTO, Regina Célia T. **Família e saúde mental:** contribuições para reflexão sobre processos familiares. Revista Katálysis. Florianópolis: Editora da UFUSC, 1997. P 20 à 28.

Projeto APAMs- Fundação Mauricio Sirotsk Sobrinho, 1988.

Projeto CECs e Casa da Liberdade

RECH, Lilian Keli & MORAEAS, Gilmar. **Centro de educação Complementar para famílias :** uma análise sistêmica da dinâmica familiar em condições de pobreza. 1993.

RIBEIRO, Ivete, & RIBEIRO, Ana Clara. **Família em processo contemporâneo:** inovações culturais na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Edições Loyole, 1995. Para 69 -87.

RODRIGUES, Andréia. **O despertar da nova consciência paterna.** 1997

SILVA, Jane. **Começar de novo:** um breve retrato das famílias monoparentais de chefia feminina no CEC Parque da Figueira. 1995.

TAKASHIMA, Geney M. K. O desafio do Serviço Social na construção da cidadania-criança, adolescentes e família. Revista Katálysis. Florianópolis: Editora da UFUSC, 1997. P. 34.

## ANEXOS

### Roteiro de Entrevista (“fio condutor” da Trajetória Sócio-Ocupacional)

- 1- Onde nasceu, lembra de sua origem (étnica), como foi sua infância, estudou até que série? Se a família migrou para Florianópolis, de onde veio, há quanto tempo mora aqui, qual o seu itinerário de moradia (morou sempre na mesma comunidade, ou em que lugares já morou?)
- 2- Com que idade começou a trabalhar? Qual foi seu primeiro emprego? Em que tipos de atividades já trabalhou? O que mais gosta de fazer?
- 3- Atualmente está trabalhando em que? Já teve dificuldade de arranjar serviço? O que era exigido nos locais em que ia se apresentar para trabalhar? Qual é a principal exigência para arrumar um bom emprego hoje?
- 4- Tem quantos filhos, e qual a idade deles? Como foi quando ganhou os filhos? Parou de trabalhar por quanto tempo?
- 5- Já teve de parar de trabalhar por algum motivo importante relacionado à família? Doença de algum membro da família? Quais as dificuldades?
- 6- Mora em casa própria ou alugada? Se alugada paga quanto de aluguel? Se é própria como foi o processo de aquisição?
- 7- Como é seu cotidiano, a que horas sai de casa para o trabalho, como e com quem ficam os filhos, quem faz as atividades domésticas?
- 8- Como é a rotina do seu dia de trabalho: atividade que realiza no local de trabalho, número de horas, dificuldades encontradas? Faz as refeições no local de trabalho? Leva de casa, ou ganha no serviço? Recebe algum benefício, vale transporte e alimentação?
- 9- A que horas chega em casa, e o que a (o) espera quando chega em casa? Ainda faz algum serviço para o dia posterior?

- 10- Tem algum problema de saúde?
- 11- O salário que recebe da para o que exatamente? Como você administra o salário e como resolve as questões financeiras da casa?
- 12- Recebe algum auxílio do ex companheiro (financeiros ou outros)? Conta com o apoio de outras pessoas (parentes, amigos, instituições)?
- 13- Qual é o papel do ex companheiro na sua família? Como é o relacionamento dele com você e com seus filhos?
- 14- Antes da separação já trabalhava fora ou começou depois?
- 15- Qual é a maior dificuldade para manter a família? Sofreu alguma discriminação por ser separada?
- 16- No que a APAM é importante no seu dia a dia? Recebe algum benefício social (de que órgão), participa de algum programa?
- 17- O que faz para se capacitar, faz cursos, continua estudando?
- 18- Foi sua primeira união? Esta separada a quanto tempo? Com quantos anos se casou?
- 19- Qual é a sua concepção de família?
- 20- Tem planejamento familiar?
- 21- O que a levou a se separar?





**8- DOCUMENTOS APRESENTADOS**

- ( ) FOTO 3X4  
( ) CERTIDÃO DE NASCIMENTO  
( ) COMPROVANTE DE ESCOLARIDADE  
( ) OUTROS

**9- PARECER**

ENTREVISTADOR (A):

DATA:

**ANEXO 2**

FICHA CADASTRAL Nº.....

PROGRAMA : .....

**1- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Nome .....  
Apelido ..... Data de nascimento ...../...../.....  
Local de nascimento .....  
Endereço .....  
Referência ..... Telefone .....  
Cartão do SUS..... Tipo sanguíneo..... Fator RH.....  
Em caso de emergência: Nome..... Telefone.....

**2- IDENTIFICAÇÃO FAMILIAR**

Nome do pai.....  
Apelido..... Idade..... Escolaridade.....  
Natural de..... Profissão.....  
Local de trabalho..... Endereço.....  
Telefone..... Salário..... Horário de trab.....  
Nome da mãe.....  
Apelido..... Idade..... Escolaridade.....  
Natural de..... Profissão.....  
Local de trabalho..... Endereço.....  
Telefone..... Salário..... Horário de trab.....  
Nome do responsável.....  
Apelido..... Idade..... Escolaridade.....  
Natural de..... Profissão.....  
Local de trabalho..... Endereço.....  
Telefone..... Salário..... Horário de trab.....

**3- ESCOLARIDADE**

Escola.....  
Endereço..... Telefone.....  
Professor..... Período..... Série.....  
Repetência ( )Sim ( )não Qual a série.....  
Apresenta dificuldade de aprendizagem?..... Gosta de estudar?.....  
Onde estuda?..... Com quem estuda?.....

#### 4- PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

Grupos esportivos ( )sim ( )não Quais?.....  
Grupos religiosos ( )sim ( )não Quais?.....  
Grupos sociais ( )sim ( )não Quais?.....  
Cursos profissionalizantes ( )sim ( )não Quais?.....  
Programas da PMF ( )sim ( )não Quais?.....

#### 5- SAÚDE

Alergia a alimentos ( )sim ( )não Quais?.....  
Alergia a remédios ( )sim ( )não Quais?.....  
sistemáticas ( )sim ( )não Quais?.....  
Teve doença grave ( )sim ( )não Quais?.....  
Utiliza medicamento ( )sim ( )não Quais?.....

#### 6- HISTÓRICO FAMILIAR

Com quem mora atualmente?.....  
Quantas pessoas residem em sua casa?..... Natural de.....  
A quantos anos reside em Fpolis?..... Qual a renda da família?.....  
A casa é ( )alugada ( )própria

#### 6.1- CONSTELAÇÃO FAMILIAR

NOME	PARENTESCO	PROFISSÃO	IDADE

#### 6.2- EXISTE ALGUM PARENTE

Dependente químico ( )sim ( )não quem?.....  
Internado ( )sim ( )não quem?.....  
Excepcional ( )sim ( )não quem?.....  
Outras enfermidades ( )sim ( )não quem?.....

#### 6.3- RELAÇÃO FAMILIAR

Como é o comportamento da criança em casa?.....  
Como a família reage?.....  
Que tipo de punição?.....  
Qual a reação da criança?.....  
À quem acata melhor?.....  
Que tipo de trabalho a criança desenvolve em casa ou fora?.....  
Quais as brincadeiras que prefere?.....  
Com quem a criança brinca?.....  
O que gosta de fazer?.....  
O que não gosta de fazer?.....  
Como a mãe se julga? ( )calma ( )nervosa ( )outras quais?.....  
Como trata os filhos?.....  
Como o pai se julga? ( )calmo ( )nervoso ( )outras quais?.....  
Como trata os filhos?.....  
Relação entre o casal: ( )harmônica ( )conflituosa ( )existe agressão física  
( ) os filhos assistem ( )outros

#### 7- INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O que levou a procurar o programa?.....  
.....  
Qual o período que pretende freqüentar?.....  
Quais as oficinas que pretende freqüentar?.....  
.....